



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES - MFP

GIZELDA DA COSTA SOUTO

**O SABER QUE VEM DO BARRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS LOICEIRAS DA TAPERA - CHÃ DA PIA E
ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA- PB**

CAMPINA GRANDE, PB.

2024

GIZELDA DA COSTA SOUTO

**O SABER QUE VEM DO BARRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS LOICEIRAS DA TAPERA - CHÃ DA PIA E
ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA- PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa 2: Ciências,
Tecnologias e Formação Docente

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

CAMPINA GRANDE, PB.

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S726s Souto, Gizelda da Costa.

O saber que vem do barro [manuscrito] : educação patrimonial a partir de memórias e histórias das loiceiras da Tapera - Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira - PB / Gizelda da Costa Souto. - 2024.

126 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno, Departamento de Educação - CEDUC. "

1. Educação patrimonial. 2. História local. 3. Ensino de história. I. Título

21. ed. CDD 981.33

GIZELDA DA COSTA SOUTO

**O SABER QUE VEM DO BARRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS LOICEIRAS DA TAPERA - CHÃ DA PIA E
ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA- PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa 2: Ciências, Tecnologias e Formação Docente

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO – PPGFP/UEPB

(ORIENTADOR)

Documento assinado digitalmente
 PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 19/06/2024 21:01:43-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

PROF^a. DRA. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO – PPGFP/UEPB
(EXAMINADORA INTERNA)



PROF. DR. ARNALDO PINTO JÚNIOR – FE/UNICAMP

(EXAMINADOR EXTERNO)

CAMPINA GRANDE, PB.

2024

A Deus, por tudo.

A minha família, pelo apoio de sempre.

A meus professores, por todos os ensinamentos.

A todas as loiceiras e famílias que residem nas comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, por serem símbolo de resistência e muitos saberes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por dispensar tanto cuidado e proteção a mim, por colocar sonhos em meu coração e permitir que eu os realize, por não deixar eu desistir nunca, independente das adversidades.

Com todo amor que sinto, agradeço a minha mãe Dona Joana e meu pai Seu Geraldo, bem como aos meus irmãos: Geane, Jorge e Juliano. Aos demais familiares também, pois, minha família é fortaleza e fonte de amor. Além disso, sempre me ajudaram, me motivaram e valorizaram minhas conquistas. Dentre meus familiares, um agradecimento especial a minha mãe e Geane, pois são incríveis, fazem por mim mais do que mereço, sequer sei como retribuir, elas nunca mediram esforços para que eu continuasse lutando pelos meus sonhos.

Agradeço a minhas amigas, Olanda, Patrícia, Rubeny, Emanuela, Glauce e Angélica, por serem companheiras, divertidas, conselheiras e tudo mais que alguém pode buscar em uma amizade. A vocês, gratidão e carinho. Agradeço a meu amigo Victor, por todo apoio ao longo dessa jornada.

Agradeço aos Professores e Professoras do Mestrado em Formação de Professores da UEPB, por terem contribuído para minha formação e por terem sido mais do que mestres, amigos. Agradeço a meu orientador, Professor João Batista Gonçalves Bueno, por ser, além de excelente profissional, um amigo. Por ter visto potencial em mim, por ter se interessado pelo tema da pesquisa, enfim, por ter sido paciente durante nossa longa caminhada, que teve início nas aulas via Google Meet, sem que nos conhecêssemos pessoalmente e seguiu para a produção e conclusão dessa Dissertação. Te agradeço imensamente Professor João, por ter concedido seu tempo, por ter compartilhado conhecimentos, materiais e tudo mais, para que pudéssemos chegar até aqui.

Agradeço a minha turma do Mestrado em Formação de Professores da UEPB, que mesmo começando o curso em meio a Pandemia do Covid-19, com distâncias e dificuldades, mas mesmo assim, ajudávamos um ao outro. Em especial, aos meus amigos e companheiros de jornada Luana Beatriz e Raylson Soares, pois sempre trocamos palavras de incentivo.

Agradeço a Professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo e ao Professor Arnaldo Pinto Júnior, examinadores, que se dispuseram a contribuir com este trabalho. Muito obrigada.

Agradeço a equipe da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, por serem tão solícitos e comprometidos com a educação, em especial a Gestora Rosa Balbino.

Agradeço a todas as loiceiras e famílias das comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, por terem colaborado com esta pesquisa, pela disponibilidade e atenção a mim dispensadas. Em especial a duas pessoas que são verdadeiras guardiãs das histórias e memórias das loiceiras: Marizete Evaristo e Ivaneide Santos (Vânia), por terem oferecido todas as condições para que essa pesquisa fosse realizada, Obrigada!

Agradeço as amigas e companheiras de trabalho da Creche Beatriz Hamad em Campina Grande, PB. Por serem compreensivas diante da minha dupla jornada como Gestora e estudante, por entenderem minhas ausências necessárias, por toda ajuda e carinho com qual me acolhem sempre.

Por fim, com o coração transbordando de alegria, rendo graças e desejo que Deus nos abençoe e proteja sempre. Gratidão!

RESUMO

A presente Dissertação trata de questões voltadas as temáticas Educação Patrimonial e História local, diante disso, ressaltamos o patrimônio cultural presente nas comunidades da Chã da Pia – Areia e Assentamento Oziel Pereira - Remígio – PB, enfatizando as loiceiras com suas experiências e vivências, bem como, considerando seus costumes, suas técnicas de manuseio do barro e tudo o que lhes foi transmitido por gerações. Enxergamos nestas comunidades um imenso potencial para a Educação Patrimonial, assim, identificamos que a história local poderia ser melhor trabalhada nas escolas da região, se houvesse a implementação e ampliação de práticas pedagógicas voltadas a Educação Patrimonial. Tendo em vista que nosso objeto de estudo corresponde ao levantamento de histórias e memórias das loiceiras e seu uso para o ensino de história local, indagamos, como provocar reflexões sobre a cultura local e proporcionar as comunidades percepção e valorização acerca da sua identidade cultural? Acreditamos que uma maneira de viabilizar esta proposta, seja partindo do seguinte objetivo geral: compartilhar experiências sobre o patrimônio cultural das loiceiras do Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, buscando reconhecer e valorizar sua história e memória. Encontramos fundamentação em Horta, Grunberg e Monteiro (1999), IPHAN (2012), Freire (1982), Benjamim (2012), Thompson (1998), LDB (1996) e BNCC (2018), entre outros aportes teóricos. Para isso, conversamos com loiceiras das comunidades envolvidas, entrevistamos e mobilizamos educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, por fim, realizamos oficinas pedagógicas na Tapera Artesanato, que ocorreram em três momentos, estas partiram desde a apresentação de histórias e memórias das loiceiras, vivências de uso do barro, até a elaboração de uma sequência didática, abordando a cultura local, com vistas a ser incorporada e efetivada nas escolas da região posteriormente. Além disso, as oficinas foram registradas por fotos e vídeos para dar origem ao produto final, que é um blog. Diante disto, ressaltamos que aproximar os educandos das memórias e histórias locais, para que reconheçam seu valor, é indispensável.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. História Local. Ensino.

ABSTRACT

This Dissertation deals with issues focused on the themes of Heritage Education and Local History, in view of this, we highlight the cultural heritage present in the communities of Chã da Pia – Areia and Assentamento Oziel Pereira - Remígio – PB, emphasizing the loiceiras with their experiences, as well such as, considering their customs, their techniques for handling clay and everything that has been passed down to them for generations. We see an immense potential for Heritage Education in these communities, however, we identified that local history could be better worked on in schools in the region, if there were the implementation and expansion of pedagogical practices focused on Heritage Education. Bearing in mind that our object of study corresponds to the survey of stories and memories of the loiceiras and their use for teaching local history, we ask, how can we provoke reflections on local culture and provide communities with perception and appreciation of their cultural identity? We believe that one way to make this proposal viable is based on the following general objective: sharing experiences about the cultural heritage of the loiceiras of the Oziel Pereira and Chã da Pia Settlement - PB, seeking to recognize and value their history and memory. We found support in Horta, Grunberg and Monteiro (1999), IPHAN (2012), Freire (1982), Benjamim (2012), Thompson (1998), LDB (1996) and BNCC (2018), among other theoretical contributions. To do this, we spoke with loiceiras from the communities involved, we interviewed and mobilized educators from the Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, finally, we held pedagogical workshops at Tapera Artesanato, which took place in three moments, starting from the presentation of stories and memories from loiceiras, experiences using clay, to the elaboration of a didactic sequence, addressing local culture, with a view to being incorporated and implemented in schools in the region later. Furthermore, the workshops were recorded through photos and videos to give rise to the final product, which is a blog. In view of this, we emphasize that bringing students closer to local memories and histories, so that they recognize their value, is essential.

Keywords: Heritage Education. Local History. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa das Mesorregiões paraibanas. Remígio destacada em vermelho...	26
Figura 2: Formação de rochas em Chã da Pia Areia- PB.	27
Figura 3: Sede da Associação dos Moradores em Chã da Pia Areia- PB.....	28
Figura 4: Primeira sede da Escola Paulo Freire, no Assentamento Queimadas.	30
Figura 5: Fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire.	31
Figura 6: Localização geográfica da Tapera Artesanato, Remígio – PB.....	33
Figura 7: Vista da entrada da Tapera Artesanato, Remígio – PB.	33
Figura 8: Algumas peças de barro da Tapera Artesanato, Remígio – PB.....	35
Figura 9: Algumas peças de barro da Associação de Moradores da Chã da Pia, Areia – PB.....	45
Figura 10: (a) Loiceira coletando barro e (b) o barro após ser quebrado.	47
Figura 11: (a) Loiceira modelando o barro e (b) forno com as peças prontas para a queima.	48
Figura 12: Altar na casa de uma loiceira.	53
Figura 13: Conversa com Seu Antônio e Marizete.	59
Figura 14: Conversa com Antônia.	61
Figura 15: Conversa com Vânia.	63
Figura 16: Conversa com Dona Josefa.	66
Figura 17: Conversa com Marinalva.	67
Figura 18: Visita a Associação dos Moradores da Chã da Pia.	73
Figura 19: Visita a Feira Cultural da Chã da Pia.....	73
Figura 20: Educadores na primeira oficina.	97
Figura 21: Vânia manuseando o barro.	101
Figura 22: Educadores manuseando o barro.	102
Figura 23: Vasos modelados pelos educadores, com a ajuda de Vânia.	103
Figura 24: Conhecendo um dos fornos no quintal de Vânia.	105
Figura 25: Socializando sugestões para a sequência didática.....	107
Figura 26: Lanche de encerramento.....	110
Figura 27: Página inicial do blog ‘O saber que vem do barro’.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funcionários 2023.	85
Quadro 2 – Alunado 2023.	86
Quadro 3 – Roteiro da 1ª oficina	95
Quadro 4 – Roteiro da 2ª oficina	99
Quadro 5 – Roteiro da 3ª oficina	106
Quadro 6 – Roteiro para sequência didática	108
Quadro 7 – Sequência didática.	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA - Articulação no Semiárido Brasileiro

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPS - Centros de Atenção Psicossocial

FIP - Faculdades Integradas de Patos

GEAPS - Grupo de Estudo, Pesquisa e Assessoria em Políticas Sociais

GRH - Gerenciamento de Recursos Hídricos GRH

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MFP - Mestrado Profissional em Formação de Professores

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG - Organização Não Governamental

P1MC - Programa Um Milhão de Cisternas

PAP - Programa de Artesanato da Paraíba

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGFP - Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores

PPP - Projeto Político Pedagógico

SAP - Salão de Artesanato Paraibano

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SPM NE - Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LUGARES E HISTÓRIAS DO ARTESANATO COM BARRO	25
2.1 Localização da área deste estudo: as Comunidades Chã da Pia - Areia e Assentamento Oziel Pereira - Remígio	25
2.1.1 Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire	29
2.2 Tapera Artesanato: tradição e resistência	32
2.3. Caminhos do artesanato: mãos que fazem arte popular criativa, histórias e memórias	37
2.4 Artesanato e Educação	42
2.5 Tradição e memória coletiva nas comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira	44
2.6 O saber negado: as loiceiras fazem História com suas memórias	50
3. NAS COMUNIDADES A VIDA ACONTECE: APROXIMAÇÕES COM AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS LOICEIRAS	57
3.1. O barro como elo entre gerações: o sentimento de pertencimento e a essência das loiceiras em suas comunidades	57
3.2. Vivendo e rememorando os saberes que vem do barro: vivências que se transformam em conhecimentos	65
3.2.1 A coleta do barro e a comercialização das peças	69
3.2.2 A agricultura familiar	74
3.2.3 A água	75
3.2.4 Causos e mal-assombros	77
3.2.5 O sincretismo religioso	79
4 DO COTIDIANO DAS COMUNIDADES ÀS ESCOLAS DA REGIÃO: AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS LOICEIRAS COMO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	85
4.1. Formação e prática docente: entrevistas junto a educadores de uma escola da região	85
4.2. Vivenciando os saberes locais: oficinas pedagógicas	94
4.3. Frutos da construção coletiva: da sequência didática ao blog	106
4.3.1 A sequência didática	106
4.3.2 O blog	110

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	119
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (LOICEIRAS).....	119
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (EDUCADORES).....	120
ANEXOS.....	121
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	122

1. INTRODUÇÃO

A Educação Patrimonial e a História local são temas que agregam a educação e aos educandos, quando são inseridos nas propostas pedagógicas das escolas. Por Educação Patrimonial, podemos entender que é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999). No que concerne a História local, entendemos que geralmente se liga a história do cotidiano [...] (Bittencourt, 2011). Partindo destas premissas e compreendendo estes conceitos como convergentes, evidenciamos a relevância de oportunizar a educandos reflexões relativas ao local no qual estão inseridos.

Seguindo esta vertente, nos remetemos ao patrimônio cultural presente nas comunidades da Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, localizadas em Areia e Remígio – PB, enfatizando as loiceiras com suas experiências e vivências, bem como, considerando seus costumes, suas técnicas de manuseio do barro e tudo o que lhes foi transmitido por gerações. Toda esta cultura me cercava, porém, não era legitimada enquanto práticas pedagógicas nas escolas da região, isto foi fazendo com que surgissem inquietações. Estas, por sua vez, ocasionaram reflexões a respeito do tema, despertando o desejo por esta pesquisa, cujo início, ocorreu no ano de 2021 e tem como objeto de estudo o levantamento de histórias e memórias das loiceiras e seu uso para o ensino de história local.

Antes de partir para as minúcias da pesquisa, abordo algumas das minhas recordações, com ênfase em minha vida escolar. São muitos os caminhos percorridos, as histórias e memórias que constituem cada pessoa e a faz ser exatamente como ela é. É a singularidade de cada acontecimento na vida de uma pessoa que a torna única, suas vivências, escolhas e renúncias. Comigo não é diferente, trago lembranças que me fazem rir e outras que me emocionam, como também, me fazem repensar atitudes. Flashes que partem de cheiros, sabores, outros de paisagens e pessoas que trazem à tona minhas memórias afetivas.

Nasci em um hospital público no município de Remígio, P.B. Sou a filha mais nova de um casal que teve quatro filhos. Moro na mesma casa desde que nasci, no Sítio Freitas, que fica localizado a 1Km da cidade. Antigamente o sítio parecia imenso,

com roçado de feijão e milho no período das chuvas e uma bela cacimba, que nos fornecia água. Bem diferente de hoje em dia, houve aumento significativo de moradias e pessoas na vizinhança, bem como mudanças na paisagem. Fui uma criança que, como qualquer outra, adorava brincar e, no sítio eu podia fazer isto à vontade, afinal era muita terra e espaço.

Boa parte da minha criação ocorreu em ambientes voltados para a Educação, pois, sempre tive parentes que trabalhavam nessa área. Dentro ou fora das escolas, a meu ver, tinha Educação em tudo na minha vida. Quando estava concluindo o Ensino Médio, pensei em escolher um curso para fazer uma Graduação, inclusive tinha mudado de ideia e, inicialmente, tentei Serviço Social, queria muito, mas não passei. Resolvi ficar em casa por um ano e só fiz vestibular novamente no ano seguinte, 2007, dessa vez para Pedagogia, passei na UFPB e na UEPB, iniciei na primeira, mas optei por ficar na segunda.

Considero o Curso de Pedagogia oferecido pela UEPB, como excelente, pois favorece reflexões sobre a realidade, possibilita acesso a novos conhecimentos, abre portas para iniciação a pesquisa e participação em eventos. Para um discente que tem interesse e se dedica, tem tudo para tornar-se um bom profissional. Em novembro de 2012 apresentei meu TCC que teve como título: Resgatando a afetividade através da psicomotricidade: uma experiência junto a crianças da Creche, com a orientação do Professor Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias. Fiz uma boa apresentação e recebi as considerações da banca com muito entusiasmo, resultando na nota máxima. Neste mesmo ano, fiz vestibular novamente e, desta vez, quis retomar um sonho antigo, buscando realização pessoal, coloquei a opção de Bacharelado em Serviço Social na UEPB.

Cursar Serviço Social, era algo que me encantava, me tomava de um jeito inexplicável. Analisando os motivos que despertaram meu interesse nesta área, identifico que ao lado do sítio dos meus pais tinha uma comunidade carente, a qual era chamada de Vila das Queimadas. Cresci vendo as mais diversas expressões da questão social e isso me tocava, sentia vontade de ajudar e via no Serviço Social a possibilidade de viabilizar ações que viessem a refletir positivamente na vida daquelas pessoas. Mas, nem tudo é tão simples como parece e sequer cheguei a atuar profissionalmente como Assistente Social. Ao decorrer do curso fiz seleção para o PIBIC e fui membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Assessoria em Políticas Sociais - GEAPS/UEPB, como bolsista de iniciação científica.

A rotina de leituras era intensa no grupo de estudos, as Professoras Doutoras Jordeana Davi e Sheila Suely foram grandes impulsionadoras no que se refere ao desejo de ser Mestre. Contudo, no meio do caminho, passei em dois concursos públicos para Professora, um em Campina Grande e outro em Queimadas. Para assumir os concursos, tive que sair do PIBIC, pois não teria como conciliar, mesmo que eu ficasse como ouvinte. Permaneci trabalhando os dois turnos em cidades diferentes e estudando a noite. De 2014 até a conclusão do curso, em 2019 foi um período de muito esforço para não desistir de nada. Enfrentei 3 greves na UEPB – 2013, 2015 e 2017 –, antes de concluir minha segunda graduação. Finalmente, em agosto de 2019, apresentei a monografia: Exercício Profissional do Assistente Social na Saúde Mental: Um Estudo com Profissionais da Rede de Atenção Psicossocial e Campina Grande-PB, minha orientadora Professora Dra. Thaísa Simplício Carneiro Matias, foi parceira em cada momento, me acompanhando desde o Estágio Supervisionado no CAPS II Novos Tempos. Lugar, onde pude me aproximar de uma realidade distinta, que lidava com questões de saúde mental, de maneira humanizada. Inclusive, me interessei bastante sobre a temática de saúde mental.

Rememorando acerca da minha carreira profissional, ainda jovem, comecei a trabalhar na área da Educação, inicialmente, como Professora do Programa Brasil Alfabetizado (2009-2010), em minha turma tinham adultos de várias idades, pude ajudá-los no sentido de despertar para um mundo letrado, foi muito satisfatório. Um pouco depois, exerci a função de Educadora em comunidades rurais de cidades do Semiárido paraibano, fui desde Natuba, até Juarez Távora, trabalhando pela ONG Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste – SPM NE (2009-2015), orientava as famílias acerca da importância de ter cuidados com a água a partir do curso Gerenciamento de Recursos Hídricos (GRH), que fazia parte do Programa 1 Milhão de Cisternas¹.

Além disso, fui professora em uma escola particular, Escola Sonho de Criança (2013), localizada em Remígio. Lá trabalhei com turmas de 4º e 5º anos. Realizei atividade de docência, em curso de Graduação nas disciplinas: Currículo na Educação Infantil, Projeto de Pesquisa, Políticas de Inclusão Escolar e Literatura Infantil e

¹ O primeiro programa desenvolvido pela ASA (Articulação no Semiárido Brasileiro), desde o início dos anos 2000, visava atender a uma necessidade básica da população que vive no campo: água de beber. Com esse intuito, nasceu o Programa Um Milhão de Cisternas, o P1MC. O principal objetivo do Programa era melhorar a vida das famílias que vivem na Região Semiárida do Brasil, garantindo o acesso à água de qualidade (ASA, 2022).

Educação, no curso de Pedagogia na instituição de ensino superior CENPI Faculdades (2014). Dos anos de 2009 a 2019, foi um período de muitos desafios para minha vida pessoal, acadêmica e profissional, mas foi também, de muito desenvolvimento e aprendizagem.

Como já mencionado, sou Professora efetiva nas redes municipais de educação das cidades de Campina Grande e Queimadas, PB, desde 2015. Em Queimadas sou Professora da Educação Infantil e trabalhei até 2018 com turmas da Pré-Escola, desde então, fiz permuta e fiquei os dois turnos em Campina Grande. Na Rainha da Borborema, também trabalho na Educação Infantil, no mesmo local, Creche Municipal Beatriz Hamad Gomes, desde que assumi o concurso. Em 2021, houve eleição para Gestores Escolares, fui candidata e ganhei, tomei posse em 2022, terminando o ano de 2023, ocorreu uma mudança no modelo de ingresso ao cargo, que passou a ser por meio de Processo Seletivo, com várias etapas. Passei no Processo e desde então, estou Gestora na instituição mencionada anteriormente. A Gestão é um cargo desafiador, não foi algo que almejava, mas a oportunidade surgiu e quis aproveitar, viver essa experiência.

Sou Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pela FIP e em Docência na Educação Infantil e Series Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Única. Estas duas Pós Graduações foram planejadas e realizadas com o intuito não apenas de expandir minhas oportunidades de trabalho, mas de contemplar meu desejo por construir conhecimentos nestas duas áreas.

Chegou um momento em que senti vontade de descansar um pouco a mente, porém, a UEPB abriu edital para Aluno Especial no PPGFP em dezembro de 2019, logo, vi uma nova oportunidade de retornar à universidade e viver, mesmo que brevemente, a experiência de ser aluna do Mestrado. Consegui uma vaga e a disciplina TÓPICOS EM EDUCAÇÃO I. “Confluências entre Bakhtin, o cinema e os processos de ensino-aprendizagem: por uma pedagogia da alteridade” – que teve como docentes a Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, Prof. Dr. Fábio Marques de Souza e Prof. Dr. Ivo Di Camargo Junior, foi um verdadeiro divisor de águas. Foi ministrada como um curso de férias em janeiro de 2020, nesta oportunidade, pude conhecer alunos regulares, tivemos muitas trocas e, isso, reavivou em mim o sonho de ser Mestre. Decidi que iria me preparar até conseguir passar e ser aluna regular do Mestrado em Formação de professores da UEPB.

Todavia, começamos o ano de 2020, mas no mês de março foi declarada a Pandemia do Covid 19², medidas como uso obrigatório de máscaras, fechamento de escolas, entre outras, foram tomadas. Foi um verdadeiro choque para todo mundo, inicialmente, como não sabíamos a gravidade da situação, pensamos que logo mais as coisas voltariam a funcionar, mas, os dias foram passando e a Pandemia só aumentava. A educação teve que ser reformulada e novas práticas pensadas para atender aos estudantes, mesmo que remotamente. Nós educadores, tivemos que aprender a usar novas ferramentas e nos dedicar ainda mais para continuar trabalhando. Google Meet, Google Classroom, YouTube e Grupos do WhatsApp passaram a ser grandes aliados e contribuíram significativamente durante meses para nossa prática docente. Seguimos assim, até o retorno das aulas presenciais em outubro de 2021.

Enquanto isso, aproveitei meu tempo em casa para investir nos estudos, pois meu objetivo de passar no Mestrado estava vivíssimo. Ainda em 2020, fui aluna dos seguintes cursos de extensão: Pedagogia da Diferença - Sobre o Processo de Inclusão na Escola Regular (UFPB) e Educação e Cidadania: Os Direitos Humanos e ECA no Currículo Escolar (UEPB), entre outros. Acredito piamente na importância da formação continuada, em buscar novos conhecimentos e ampliar outros.

Fiz algumas formações continuadas, como: Práticas de alfabetização (AVAMEC), Alternativas Pedagógicas para a Educação Infantil (PROMINAS), entre outras. Já publiquei artigos em eventos científicos em parceria com outras pessoas, sou autora do capítulo: Além do que se vê: O dialogismo entre pai e filho no filme bicho de sete cabeças, que integra o livro: Audiovisual e processos educativos: diálogos a luz de Bakhtin (Editora: Mentis Abertas - 2020). Acredito que a busca por conhecimentos deve ser contínua, além do que já relatei, procuro participar de eventos voltados a Educação, como Congressos, Palestras, Encontros Científicos, outros.

Certo dia, olhando o site da UEPB, observei que havia sido aberto edital de processo seletivo para Aluno Especial na disciplina: O olhar sensível: a interdisciplinaridade das Artes para a pesquisa em Educação, ministrada pelo Prof, Dr. João Batista Gonçalves Bueno. Como eu já vinha, de maneira independente,

² Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo "pandemia" se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (OPAS, 2022).

pesquisando sobre o trabalho com o barro em minha Região, relacionei com a ementa da disciplina e ponderei que esta traria subsídios para meus estudos. E, assim, foram realizadas discussões muito proveitosas e pertinentes não apenas para o curso, mas para meu objeto de pesquisa, bem como para a vida. Falar sobre o curso olhar sensível parte de teorias, mas reverbera em singularidades do cotidiano, desde a forma como vejo uma paisagem pela janela, até o cheiro do café e suas memórias afetivas. Mexendo com minha imaginação desde o início e passeando pela junção da fantasia com a realidade, a cada aula, mesmo que remota, pude desenvolver um olhar mais atento. Creio que consegui despertar um olhar sensível, possibilitando ampliar a percepção sobre meu objeto de pesquisa, pensar sobre aquilo que o envolve, as lacunas dele, suas contribuições, dificuldades e perspectivas. Tanto que no mês de abril de 2021, quando abriu o edital para aluno regular, não pensei duas vezes e me submeti ao processo, presumi que tinha condições de ser uma candidata com chances reais de passar.

Apesar disso, não tem autoconfiança que resista as etapas do processo, bastou enviar o Projeto de Pesquisa, que já me senti insegura, segui na fé. Quando cheguei na fase da entrevista, tomei todos os cuidados para tentar fazer uma boa apresentação, esta iria acontecer via Google Meet. Fiz a apresentação e entrevista, meio apreensiva, mas deu certo. Concluindo o processo, consegui a tão sonhada aprovação. Atualmente, estou cursando o Mestrado em Formação de Professores da UEPB, isto, para mim, é um sonho que parecia muito distante, pois, representava algo muito difícil para mim, “uma menina do sítio”, chegar tão longe.

Como já mencionei, sou nascida e criada na zona rural da cidade de Remígio, há pouco mais de 5 km da nossa casa, ficam localizadas as comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, nesta última está a Tapera Artesanato, lócus da pesquisa que deu origem ao projeto submetido ao Mestrado Profissional em Formação de Professores – MFP. Depois de ter certo conhecimento sobre Educação Patrimonial, me inquietei e passei a pensar sobre toda a cultura local, o trabalho das loiceiras com o barro, que cresci vivendo e ouvindo em nosso cotidiano, mas que não fazia e ainda não faz parte efetivamente das práticas pedagógicas das escolas da região. Foi com base nisso, que me questionei como provocar reflexões sobre a cultura local e proporcionar as comunidades percepção e valorização acerca da sua identidade cultural? Neste sentido, o interesse por me aprofundar nos estudos relativos a Educação Patrimonial e História local, cresceu e encontrei no MFP a

oportunidade para ter orientação e direcionamento voltados a minha proposta de Projeto.

Além disso, observando que a Linha 2 deste programa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente, visa a investigação sobre processos educacionais, bem como acerca das práticas docentes nos espaços educativos, percebi afinidade com minha perspectiva de estudo. Considero que meu orientador Prof^o Dr, João Batista Gonçalves Bueno, contribuiu de maneira relevante para que eu pudesse me respaldar melhor teoricamente sobre a temática da Educação Patrimonial e História local, buscando construir novos conhecimentos e analisando a aplicabilidade dos meus estudos em minha prática, bem como desenvolver uma produção acadêmica que colabore para as práticas pedagógicas de outros educadores. Como discente do PPGFP-UEPB, busco desenvolver um olhar voltado para práticas pedagógicas pautadas na Educação Patrimonial e História local das loiceiras.

Diante do exposto, percebo um amadurecimento significativo em minha trajetória escolar e que toda lembrança realizada até aqui, me fez refletir que o tempo foi bom, ao pensar no tempo que já passou e me fez ser quem eu sou. Sigo em frente.

No que diz respeito ao tema da Dissertação, ressalto que é fundamental incentivar práticas de identificação, reconhecimento e valorização do nosso patrimônio cultural e vejo nas escolas um lugar pertinente para isto, pois conhecer melhor a cultura local e levar estes conhecimentos para as salas de aulas das escolas da região, pode gerar nas comunidades a sensação de valorização e pertencimento. Além de promover imensa realização pessoal, por poder mostrar como nossas comunidades rurais são ricas em cultura e costumes. Acredito no potencial das loiceiras com suas histórias e memórias, em seus saberes como valorosos e importantes para serem inseridos em práticas pedagógicas e me vejo como uma admiradora que busca formas de colaborar com a continuidade da cultura local.

Com o intuito de atingir esta finalidade, temos em nossos objetivos específicos o caminho para viabilizar seu alcance, sendo eles:

Conhecer histórias e memórias das loiceiras do Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, visando suas contribuições para a construção de novos saberes docentes que possam fortalecer a herança cultural local;

Promover práticas de identificação, reconhecimento e valorização e do patrimônio cultural das loiceiras, fazendo desde o manuseio do barro junto a

educadores de uma escola da região, bem como, trazendo registros de suas memórias para o desenvolvimento de atividades que valorizem a história local. Para isso, foram realizadas oficinas pedagógicas na Tapera Artesanato, contando com a participação dos educadores da escola onde a pesquisa foi implementada.

Elaborar uma sequência didática multidisciplinar (subproduto) a partir das oficinas realizadas, abordando a cultura local, que possa ser incorporada e efetivada nas escolas da região;

Por fim, construir um blog a partir dos registros realizados ao longo do projeto (produto final).

No que se refere a metodologia utilizada, sua natureza trata-se de uma pesquisa qualitativa, com ela, buscamos compreender as histórias e memórias das loiceiras, abrangendo os saberes que são oriundos de seus costumes e manifestações culturais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos alguns caminhos a serem percorridos, posto isso, para reunir conhecimentos sobre a temática, nossa fundamentação teórica passou por Horta, Grunberg e Monteiro (1999), IPHAN (2012), Freire (1982), Benjamim (2012), Thompson (1998), Le Goff (1990), LDB (1996) e BNCC (2018), entre outros aportes teóricos.

É indispensável que tenhamos fundamentação acerca do tema abordado, buscamos na pesquisa bibliográfica a base para nos respaldar. Desta forma, associamos nossa fundamentação ao longo de toda a pesquisa, com as demais etapas deste estudo. Destacamos o pensamento de Lakatos e Marconi (2000, p.66):

A pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Acreditamos que nosso aporte enfatiza a importância de pensar, sobretudo, sobre as práticas pedagógicas que englobem as contribuições da história local para a cultura e a educação.

Partindo do levantamento bibliográfico, organizamos todos os textos para realizar leituras, bem como fichamentos e análises. Nossas reflexões passaram

pelos fundamentos do artesanato, pela formação de professores, perpassaram pela reinvenção de suas práticas, replanejamento de ações, bem como nos conduziram a motivações, para que os educadores tenham a partir da Educação Patrimonial, considerando a História local das loiceiras pesquisadas, subsídios para levar saberes não escolares para as salas de aula das escolas de educação básica.

Consideramos importante incentivar práticas de identificação, reconhecimento e valorização do nosso patrimônio cultural nas escolas, pois conhecer melhor a cultura local e levar estes conhecimentos para as salas de aulas das escolas da região, pode gerar nas comunidades nas quais a pesquisa foi desenvolvida, a sensação de valorização e pertencimento. Promover este estudo, acrescentará respaldo teórico sobre a temática da Educação Patrimonial e História local, construindo novos conhecimentos e visando sua aplicabilidade na prática, bem como, desenvolvendo uma produção acadêmica que contribuirá para as práticas pedagógicas de outros educadores.

Isto posto, reiteramos que concebemos a escola como um espaço mobilizador para transformar a realidade social e compreendemos que buscamos a partir do nosso objetivo geral, o desenvolvimento de estratégias para trabalhar a Educação Patrimonial na escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, Remígio – PB. Neste sentido, (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999) vêm nos afirmar que a Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva.

Partindo para o campo de pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 05 loiceiras e 01 loiceiro que moram nas comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, este foi o primeiro passo para conhecer suas histórias e memórias. Logo depois, foram feitas as visitas a escola mais próxima da Tapera Artesanato: Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, marcadas previamente, para apresentar a proposta desta pesquisa, com um total de 09 educadores participantes.

Neste estudo, trabalhamos principalmente com as fontes orais, pois consideramos a oralidade o principal meio de acesso as histórias e memórias das loiceiras, assim como, no que se refere aos conhecimentos que os educadores envolvidos tem sobre a história local. Recorremos a este método, pois discernimos

que o mesmo contribui a produção de história, conforme Thompson (1992, p.22) destaca:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo, quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Mediante esta afirmação e com a perspectiva de conhecer as histórias e memórias das loiceiras da Região mencionada, bem como de compreender o entendimento dos educadores que foram envolvidos em nossa pesquisa, consideramos a entrevista semiestruturada como técnica adequada para promover os objetivos deste estudo, por concordarmos com Ribeiro (2008, p.141) que diz que:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Após a aplicação das entrevistas com a população já explicitada, partimos para a pesquisa-ação, por ser um método participativo, pois, como previsto nos objetivos específicos, oficinas pedagógicas seriam realizadas. Conforme Severino (2007), enfatiza, a pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la, partindo desta afirmativa, efetivamos nossa proposta.

Realizamos oficinas pedagógicas com os educadores, que foram oferecidas na Tapera Artesanato. Esta etapa do trabalho foi apresentada no terceiro capítulo desta Dissertação.

As oficinas foram três (3), as distribuimos da seguinte maneira:

1ª Oficina: Apresentamos aos educadores histórias e memórias das loiceiras da Tapera, em parceria com Vânia (fundadora da Tapera Artesanato);

2ª Oficina: Realizamos junto aos educadores vivências com o uso do barro para incentivar práticas de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural local;

3ª Oficina: Elaboramos, em parceria com os educadores da escola envolvida na pesquisa, uma sequência didática multidisciplinar, a partir dos conhecimentos construídos nas oficinas anteriores. Procuramos criar atividades e planos de aula que valorizam aspectos da história e cultura local, que possam ser incorporadas efetivamente nas salas de aula.

Cada oficina teve seu roteiro inicial, que sofreu algumas mudanças, adaptando-se de acordo com as sugestões dos educadores envolvidos. Em todos os momentos foi utilizado um diário de oficina, nele anotamos o desenrolar de cada uma e fizemos registros por fotos e vídeos para dar origem ao produto final, que é um blog. O blog foi definido como produto final tendo o desígnio de deixar registradas as memórias e histórias das loiceiras, bem como as vivências ao longo do desdobramento deste estudo. Por ser uma ferramenta usual, o blog poderá servir como suporte de pesquisa para fomentar as práticas pedagógicas em Educação Patrimonial, isto, não apenas na escola mencionada, mas também para qualquer pessoa que tiver interesse pelo tema.

Com as oficinas, oferecemos aos educadores vivências que visaram a construção de possibilidades de levar os saberes não escolares, oriundos das loiceiras das comunidades, para as escolas. Todos os registros que foram feitos, desde anotações, fotos e filmagens, serviram de suporte para respaldar nossas reflexões e análises.

Diante do exposto, ressaltamos que esta pesquisa será organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, trará a apresentação acerca da localização e origem das comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, do mesmo modo, da

Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire e da Tapera Artesanato, como também, uma breve história relativa ao artesanato com o barro.

No segundo capítulo, abordamos as histórias e memórias das loiceiras a partir dos diálogos realizados, enfatizando como os saberes repassados de geração em geração são relevantes para as comunidades estudadas.

Já no terceiro capítulo, expomos o percurso efetivado durante a pesquisa, no que diz respeito as entrevistas e oficinas realizadas com os educadores participantes, evidenciando os resultados da pesquisa e refletindo no que concerne aos saberes não escolares, que podem vir a contribuir com novas práticas pedagógicas nas escolas da Região. Bem como, explicitando o produto educacional indicado, que é o blog.

A vista disso, apontamos o desejo de fazer da nossa pesquisa um registro sobre as histórias e memórias das loiceiras das comunidades Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, que venha a despertar o interesse por conhecê-las e descobrir como o passado delas trouxe correspondências para o presente. Do mesmo modo, pretendemos incentivar o trabalho com a Educação Patrimonial a partir da História local, considerando as histórias e memórias das loiceiras.

2. LUGARES E HISTÓRIAS DO ARTESANATO COM BARRO

Para situar geograficamente e historicamente esta pesquisa, iniciamos o presente capítulo relatando a respeito da localização e origem das Comunidades nas quais este estudo ocorreu. Apresentamos a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire e, em seguida, abordamos como a Tapera Artesanato foi idealizada. Posteriormente, passeamos por um breve histórico acerca do artesanato com o barro e enfatizamos que as histórias e memórias das loiceiras são saberes que podem se tornar fontes para realização de práticas pedagógicas.

2.1 Localização da área deste estudo: as Comunidades Chã da Pia - Areia e Assentamento Oziel Pereira - Remígio

As comunidades onde este estudo foi realizado são vizinhas, mas geograficamente encontram-se em cidades distintas. A comunidade rural Chã da Pia é localizada na cidade de Areia, que faz limite com a cidade de Remígio, na qual está situada a comunidade do Assentamento Oziel Pereira, ambos os municípios integram a mesorregião (Figura 1) do Agreste Paraibano (IBGE, 2021). Areia está a uma distância de 120 km de João Pessoa, já Remígio fica a 132 km da capital do Estado da Paraíba.

Seguindo no sentido Oeste, de Remígio para a cidade de Arara, as comunidades mencionadas anteriormente, podem ser avistadas das margens da Rodovia Estadual PB – 105. Estas são cidades próximas, vinculadas desde suas origens, lembramos que Remígio pertencia a Areia, quando em meados do século XX foi se tornando independente, até que em março de 1957 por meio da Lei nº 1667 foi emancipada politicamente. De acordo com Serafim (1992), “a conquista da independência política administrativa de Remígio ocorreu lentamente”, fato que dificultou a definição de suas fronteiras e desenvolvimento da economia local, pois, de acordo com relatos das loiceiras mais velhas, “quem morava em Remígio antigamente, tinha que levar seus filhos pra registrar e até para batizar em Areia”. Com

isso, compreendemos que Remígio permaneceu dependendo de Areia por mais alguns anos. Neste período, Areia estava à frente em muitos aspectos, sejam políticos ou econômicos, e oferecia uma diversidade de serviços aos moradores dos municípios vizinhos, logo havia passado a condição de cidade desde 1846.

Areia pode ser considerada um verdadeiro berço da cultura, inclusive, é vista como “Patrimônio Nacional, cujo Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – em 2005, é emblematicamente retratada como terra da cultura” (Associação dos Amigos de Areia, 2014). É exatamente em Areia, um município que apresenta vasta riqueza em cultura e tradição que encontra-se a comunidade rural de Chã da Pia.

Figura 1: Mapa das Mesorregiões paraibanas. Remígio destacada em vermelho.



Fonte: Rodrigues, Janete Lins. Atlas Escolar da Paraíba, 2002.

A Comunidade Chã da Pia fica numa região que “originalmente foi povoada pelos índios Queimados, mas sua população também é remanescente de povos negros” (Serafim, 1992). A junção da cultura destes povos e o solo que oferecia barro

em abundância, acabou por proporcionar o desenvolvimento do trabalho com o barro, bem como o surgimento de comunidades rurais.

Tendo em vista as comunidades aqui citadas, de acordo com as memórias de seus moradores, apontamos que a Chã da Pia pode ter recebido este nome pelo fato de ter predominância de rochas concavas, estas no período das chuvas acumulam água, tal qual uma pia (Figura 2). Na linguagem popular essas rochas são conhecidas como tanques, que armazenam água, que serve tanto para o consumo humano, quanto para o animal. Nesta comunidade, fica situada a Associação dos Moradores da Chã da Pia, (Figura 3) a qual serviu como ponto de referência para esta pesquisa, no sentido de favorecer os encontros com as loiceiras da comunidade, para podermos conversar e registrar suas histórias e memórias. Esta comunidade é tradicional, pois vivem a várias gerações nesta Região e são conhecidas pelo trabalho artesanal de peças feitas com barro, as loiceiras relatam que, o conhecimento acerca deste artesanato é herança de outras gerações.

Figura 2: Formação de rochas em Chã da Pia Areia- PB.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 3: Sede da Associação dos Moradores em Chã da Pia Areia- PB.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A comunidade do Assentamento Oziel Pereira limita-se com a Chã da Pia, compreende as terras da antiga fazenda Queimadas – Remígio, PB, do antigo dono Antônio Diniz, é fruto da Reforma Agrária³, cuja regulamentação data do ano de 1999. Com o incentivo da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, mas principalmente, com muita luta e reivindicações dos populares que moravam tanto ao redor, quanto em cidades vizinhas e desejavam uma propriedade para produzir e morar, ocorreu a desapropriação. A moradora do assentamento Vânia destaca que “depois de tudo isso veio o processo de desapropriação e a gente como já vivia na terra, conquistamos os nossos lotes”. Ademais, ela evidencia que o nome do Assentamento foi uma homenagem a um militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Em consulta ao Projeto Político Pedagógico – PPP (2023, p.19) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, foi constatado:

³ A Reforma Agrária é embasada na Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 e dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal (Planalto, 2023).

Com uma extensão territorial aproximadamente de 2.996 hectares, o Assentamento é composto por lotes e agrovilas, no qual vivem 150 famílias cadastradas pelo *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária* (INCRA-PB, 2017). O Assentamento Oziel Pereira faz divisa com os seguintes Municípios: Remígio, Areia, Arara, Algodão de Jandaíra. Devido a sua extensão territorial, o Assentamento foi dividido em duas partes onde deu origem ao Assentamento Oziel Pereira e Assentamento Queimadas. O Oziel Pereira fica nas proximidades do antigo casarão central da antiga fazenda Queimadas que foi demolido.

A partir do momento que ocorreu a separação dos lotes, as famílias concordaram em dividir o Assentamento em dois, conforme mencionado: Assentamento Oziel Pereira e Assentamento Queimadas, com isso, instalaram-se regularmente. Diante dessa divisão “em Queimadas ficaram assentadas 100 famílias e no Oziel Pereira 50 famílias” (PPP, 2023). Tão logo, teve início as construções das moradias e organização das terras para produzir e criar animais. Além da agricultura familiar, os moradores mantiveram o artesanato com o barro como uma importante fonte de renda, continuando com a tradição local de trabalhar com esta matéria prima.

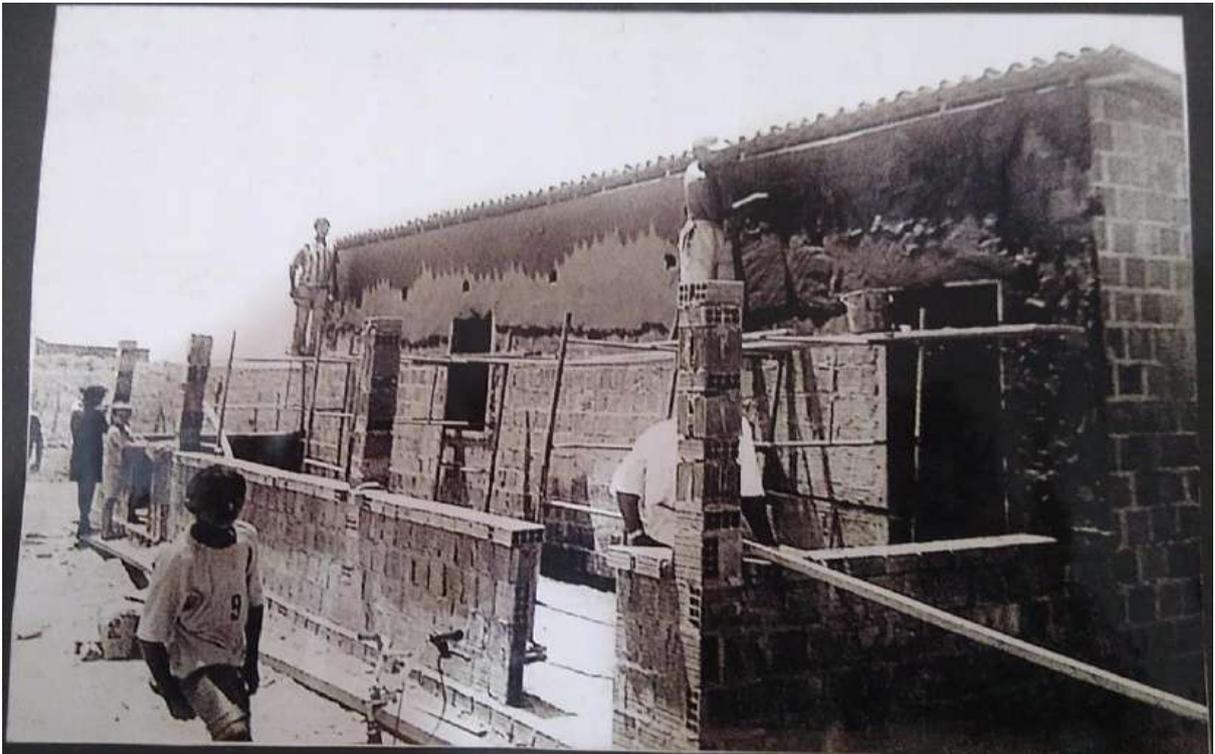
2.1.1 Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire

Diante do exposto, considerando que as loiceiras, com suas histórias e memórias são referência cultural e tem potencial para agregar à educação, temos como ponto de partida, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire. A escolha por essa escola se deveu ao fato dela estar localizada no Assentamento Oziel Pereira, atualmente, lá é oferecido atendimento de modo integral, para turmas do 6º ao 9º ano. Nesta escola, implementamos, nosso objetivo geral que é: compartilhar experiências sobre o patrimônio cultural das loiceiras do Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, buscando reconhecer e valorizar sua história e memória, a partir de seu uso enquanto fonte para o ensino de História Local.

De acordo com relatos dos moradores mais antigos das comunidades em estudo, esta escola teve suas origens por volta dos anos 2000, inicialmente, no Assentamento Queimadas. Cabe destacar que sua primeira sede (Figura 4) foi construída contando com ajuda e mão de obra dos próprios assentados, pois, havia uma preocupação com os estudos de suas crianças e as políticas públicas voltadas a educação ainda não estavam chegando efetivamente. No que se refere a escolha do nome, o Projeto Político Pedagógico (PPP, p.24) da mesma aponta:

O nome da Escola, segundo informações coletadas com as famílias e representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do município de Remígio, se deu, através de uma contextualização, onde os representantes do Movimento trouxeram o nome “Paulo Freire” como indicação e apresentaram as famílias assentadas. Prática comumente exercida pelo MST, com todas as escolas que fazem parte da luta dos assentados da Reforma Agrária.

Figura 4: Primeira sede da Escola Paulo Freire, no Assentamento Queimadas.



Fonte: PPP da Escola (2023).

Mediante a conclusão da obra e início do funcionamento, era oferecido atendimento em Educação Infantil e series iniciais do Ensino Fundamental. Mas, as crianças foram crescendo, começaram a se deslocar para outras escolas e, tanto por

falta de alunos, quanto recursos, com poucos anos a escola foi fechada. No entanto, um “povo de luta” não desiste no primeiro obstáculo, os assentados, passaram a reivindicar o direito a educação que estava sendo negado a seus filhos e filhas. Assim, “por volta do ano de 2016, a partir de muitas lutas do movimento e assentados da Reforma Agrária, foi conquistada a nova sede da Escola Paulo Freire, construída no Assentamento Oziel Pereira, nas proximidades do açude das Queimadas” (PPP, 2023).

Diante da nova sede (Figura 5), sua inauguração ocorreu em fevereiro de 2017, desta vez, já com turmas de Ensino Fundamental II e, posteriormente, com Ensino Integral, com a perspectiva de Educação do Campo.

Figura 5: Fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

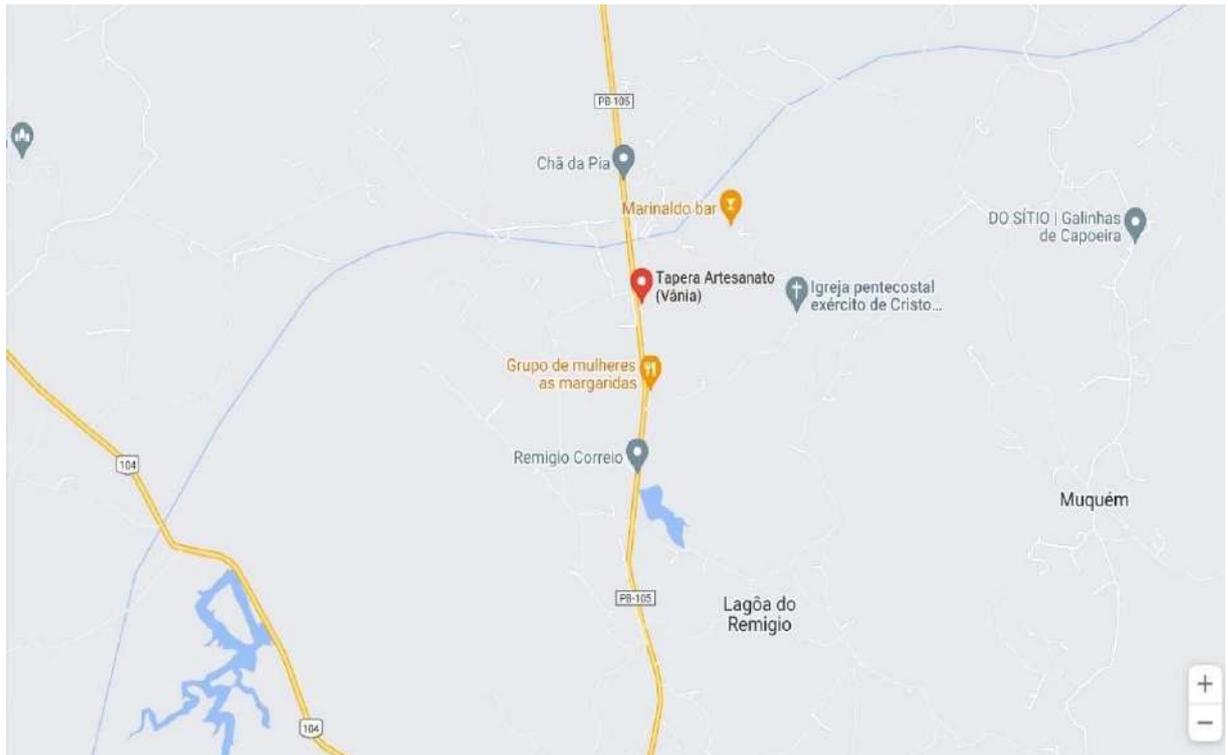
É neste contexto que nossa pesquisa aconteceu, prontamente, encontramos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, o ambiente propício para trazer as histórias e memórias das loiceiras da região como contribuição para o ensino de História local.

2.2 Tapera Artesanato: tradição e resistência

Na comunidade Assentamento Oziel Pereira, fica a Tapera Artesanato (Figura 6), idealizada por Ivaneide dos Santos (Vânia) e sua família, que sentem o desejo de manter viva a tradição do artesanato com o barro, bem como, a cultura dos seus ancestrais. Com estrutura de barro e madeira — remetendo a seu nome — a Tapera, onde fica o ateliê de Vânia, foi construída ao estilo das moradias antigas da comunidade (Figura 7). Lá são feitas diversas peças de barro, desde as mais tradicionais, como panelas e fogareiros, até as decorativas, como vasos. Esta loiceira aprendeu as técnicas de manuseio do barro com sua mãe, Dona Josefa, que aprendeu com seus avós e bisavós. Vânia relata que a partir da produção, venda e troca das peças de barro, Dona Josefa conseguiu criar e educar seus 10 filhos e fortalecer junto a família a importância de manter viva esta tradição.

A produção ocorre de maneira simples, sentadas no chão, as loiceiras vão moldando o barro com as mãos e usando artigos naturais, como pedaços de madeira, pedra e couro para dar o acabamento. Logo após, as peças são levadas ao sol para secar e, dependendo das condições meteorológicas – sol ou chuva –, pode levar de 8 a 15 dias, sendo colocadas ao forno para queimar posteriormente, por volta de 2 a 3 horas, quando ainda quentes são retiradas ou ficam aguardando até o dia seguinte, assim, estarão prontas para o comércio.

Figura 6: Localização geográfica da Tapera Artesanato, Remígio – PB.



Fonte: Autora, 2023. Baseada na Plataforma online Google Maps.

Figura 7: Vista da entrada da Tapera Artesanato, Remígio – PB.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A Tapera é também um lugar de resistência de classe social. Notamos essa característica, apesar de ser um cenário artificial e que foi construído para ilustrar um modo de vida das pessoas no passado, por isso, é utilizado também para fins turísticos. Assim, percebemos este espaço como resistência, pois devido a situação socioeconômica das loiceiras, em anos anteriores, fazia com que elas fossem vistas pela população de Remígio, como pertencentes a uma subclasse dentro de uma classe que já era explorada. Elas eram vistas como inferiores porque trabalhavam com o barro e eram tidas como pessoas primitivas. Na Tapera, as loiceiras se reuniam e comercializavam seus trabalhos artesanais feitos de barro, além disso, comercializavam uma diversidade de mudas de cactos, bem como ofereciam um restaurante que tinha como cardápio a culinária típica da região. Por tudo isso, a tapera consiste em um lugar rico em histórias e memórias (Figura 8).

Devido à comercialização das peças, o espaço da Tapera representava um espaço onde era possível conseguir uma renda financeira importante para o sustento das famílias das loiceiras. Mas acima de tudo, também é um espaço de cultura, pois traz consigo a bagagem histórica, marcando histórias de vida, do trabalho e de quem viveu preconceito e desvalorização por exercer um trabalho manual com raízes indígenas e negras. As loiceiras com quem conversamos, sempre se remetem a alguma situação relacionada ao preconceito que sofriam. Relatam que suas mães e até elas, eram xingadas por “nomes feios”, por pessoas da zona urbana de Remígio e das fazendas da região. Sofriam muitos preconceitos quando elas levavam suas peças para praticar o escambo, visando a troca do artesanato por alimentos para subsistência de suas famílias. Muitas vezes, eram mal recebidas e ficavam sequer sem poder atravessar a porteira das fazendas, pois seus moradores “achavam que as loiceiras iam mexer nas coisas e pegar”.

Figura 8: Algumas peças de barro da Tapera Artesanato, Remígio – PB.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As loiceiras das comunidades, geralmente, acompanhavam aprendiam a manusear o barro com suas mães e avós durante a infância. Entre meninas e meninos, elas afirmam que era mais comum as meninas ficarem mais tempo próximas das matriarcas, que se revezavam entre os afazeres domésticos e a produção das peças. Ademais, há um entendimento entre os moradores da localidade de que trabalhar sentado ao chão não é “coisa pra homem”, sendo assim, estes ficavam encarregados de atividades, como ajudar a colher, carregar o barro e também na queima, fora outras relativas a lida no campo, como cuidar do roçado e dos animais. É comum que os homens ajudem no transporte e na comercialização das peças, que geralmente, acontece nas feiras livres das cidades circunvizinhas, como Arara, Remígio e Areia.

Tendo em vista que a produção e venda de utensílios feitos de barro, principalmente por mulheres destas comunidades existe há anos e perpassa a questão econômica, enxergamos nesta localidade um imenso potencial para a Educação Patrimonial. Partindo desta afirmação, em concordância com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4) apreendemos que:

[...] o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Neste sentido, acreditamos que a partir da tradição oral e da prática das loiceiras de repassar o saber fazer do trabalho com o barro, presentes na Tapera e arredores, é possível criar e implementar práticas pedagógicas nas escolas da região com o intuito de conhecer e valorizar a história e o saber que vem do barro. Assim, o patrimônio cultural construído a partir das experiências vividas das pessoas destas comunidades - como relatado por Vânia. Pelos depoimentos percebemos formas de exploração do trabalho feminino das mulheres pelos maridos e suas formas de resistência. Elas contam que antigamente as mulheres tinham que prestar contas de seus rendimentos para seus maridos e parte significativa do dinheiro que era arrecadado no trabalho ficava sob o poder do homem da casa. Assim, como forma de resistência e para que tivessem algum dinheiro, elas guardavam parte do dinheiro que arrecadavam com a venda das peças dentro de imagens de santos. Devido ao respeito a simbologia da imagem, os maridos sequer mexiam, por isso, as mulheres tinham nos santos um lugar seguro para tal feito. Ainda nos dias atuais, Vânia preserva na Tapera uma estátua de Padre Cicero, para lembrar e contar sobre este costume.

De acordo com o IPHAN (2012, p.12):

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território.

Diante desta afirmativa, entendemos que o conjunto de saberes e fazeres presentes nas comunidades estudadas estão intrinsecamente ligados a identidade de seus moradores. Logo, nossa pesquisa parte da ideia de possibilitar práticas pedagógicas que favoreçam o reconhecimento e valorização dessa identidade local. Pois, em diálogo com a Vânia, descobrimos que muitas das práticas locais como: rezar

o mês de maio (Mês Mariano, em homenagem a Virgem Maria, vindo da tradição católica) vem se perdendo. Com relação as tradições das brincadeiras de crianças, destacamos o quebra-panela (balas e pirulitos são colocados numa panela de barro que é suspensa por uma corda em um galho de árvore, brincadeira comum entre crianças, geralmente feita em datas comemorativas, como: festas juninas, dia das crianças ou dia de Cosme e Damião) entre outras. Percebemos, que como a maioria destes costumes são voltados ao catolicismo, estão deixando de serem seguidos. De acordo com as informações obtidas nas entrevistas, podemos relacionar tal fato a opção pela Religião Evangélica, que vem crescendo em ambas as comunidades pesquisadas.

Outro aspecto que nos chama a atenção, é que o artesanato comercializado na Tapera, é mais reconhecido e valorizado por turistas do que pelos moradores da própria cidade, Remígio-PB. Cabe destacar que, por anos, as comunidades foram marginalizadas, gerando em alguns de seus moradores receio de falar que eram de lá. Pelo fato de trabalharem com barro, muitas vezes, as loiceiras foram vistas como pessoas pobres e sujas, salientamos que elas contam que antigamente não havia casamento de mulheres destas comunidades com os homens da cidade. Em cada detalhe apresentado nas falas de Vânia e das loiceiras, sentimos como é complexo carregar suas memórias e histórias, e vemos na Tapera Artesanato a representação clara do desejo de perseverar, mesmo diante de tantos desafios.

2.3. Caminhos do artesanato: mãos que fazem arte popular criativa, histórias e memórias

O artesanato é uma importante expressão artística para a sociedade, carrega consigo costumes e culturas que perpassam gerações, além de representar fonte de renda para aqueles que o produzem, também tem significativa importância no que se refere a educação, pois engloba saberes não escolares que podem ser inseridos nas práticas pedagógicas das escolas. Com isso, evidenciamos o trabalho manual, dentre suas diversas tipologias para a sociedade, fortalecendo as relações sociais e movimentando a economia. É grandiosa a quantidade de materiais e técnicas que são utilizadas para o trabalho com artesanato, podendo variar, tanto pela localização onde o artesão está inserido, quanto pela própria vocação que ele carrega.

O artesanato e suas técnicas, materiais usados e tudo que envolve a produção das peças, é repassado, na maioria das vezes, pela oralidade e de maneira prática de geração em geração. Formando assim, um longo percurso que ultrapassa os anos e continua a despertar gosto pelo trabalho manual, bem como a descoberta por uma vocação, pois muitas pessoas tem no artesanato uma profissão. Provocando encantamentos nas pessoas, as peças advindas das diversas tipologias as quais o artesanato abrange, sejam feitas de barro, couro ou outros materiais, estão presentes em feiras, lojas e, principalmente, nas casas das pessoas. Um verdadeiro patrimônio cultural que circula mundo à fora e não adentra efetivamente as nossas escolas.

Voltando-se para o artesanato realizado com o barro, notamos como este manifesta a identidade e a cultura de quem o produz. O trabalho com o barro existe desde antes da Antiguidade e vem sendo ampliado ao longo dos anos. Conforme é apontado por Oliveira (1960, p.1):

[...] A arte da cerâmica surgiu na fase do semi-nomadismo, juntamente com a agricultura e é, como esta, resultante de invenção feminina. Em se referindo à cerâmica, nos seus primórdios, não se pode classificá-la de popular, como hodiernamente se faz, porque naquela época só havia uma cerâmica, pois os povos viviam sob o mesmo grau de cultura. Evoluindo a sociedade e registrando-se o fenômeno da estratificação social, adquiriram os diversos grupos comportamentos próprios, e, assim, se foram diferenciando, a ponto de constituírem padrões culturais distintos.

Passando por inúmeras influências culturais e sociais, o trabalho com o barro e seus processos criativos já existiam no Brasil com os povos originários, e a técnica de produção de utensílios de uso cotidiano com barro, também foi trazida da África pelos negros desde o século XVI.

Podemos destacar que a região nordeste do nosso país, contém variadas áreas com barro especial para a confecção de utensílios e isso facilitou a sua exploração e o surgimento de muitas comunidades e famílias que se dedicam a produção de peças feitas com este material. Sendo o barro uma matéria prima muito usual, sua moldabilidade possibilita a produção de variadas peças, desde decorativas a utilitárias. Compreendemos, de acordo com Oliveira (1960) que “a princípio, o oleiro, ao fabricar louça, não tinha preocupações estéticas. Tomando o barro, criava a peça,

cuidando apenas do fim útil a que a mesma se destinava”. Com isso, entendemos que em cada período o trabalho com o barro teve significados distintos, produzindo peças esteticamente diferentes. Se antes era pensado como algo que tivesse basicamente uma utilidade no cotidiano, hoje em dia tem, de maneira considerável, a perspectiva decorativa.

Associando esta tipologia de artesanato com a reprodutibilidade, vemos que houve um aumento da preocupação com a estética, que por sua vez, reflete a influência das relações sociais acerca da produção de peças feitas com o barro. Os processos de produção e reprodução ligados a reprodutibilidade podem estar relacionados diretamente ao capitalismo e, por sua vez, desassociar da obra sua história, suas origens e sua representatividade, enquanto manifestação de uma cultura (Benjamim, 1994, p.166). Pensando neste aspecto, evidenciamos a dicotomia que permeia o artesanato feito com o barro: cultura e economia.

De acordo com Leite (2005, p. 40), “o produto artesanal – situado entre a arte e a mercadoria – não se presta integralmente aos fetichismos do mercado, não sendo possível entendê-lo dissociado do contexto social de quem produz. ” Assim, podemos constatar que as relações sociais estão intrinsecamente atreladas ao artesanato, não apenas no que diz respeito a produção e a venda das peças, mas também no que concerne ao processo da construção de conhecimentos sobre as técnicas que são passadas de geração em geração. O costume de se reunir para ensinar como colher e manusear o barro para a produção de peças é uma tradição que vem dos mais velhos para os mais novos e, assim, vai resistindo e se perpetuando. Através da observação, escuta e prática, os saberes do uso do barro vão sendo repassados, gerando novos artesãos e possibilitando seu reconhecimento, enquanto expressão da arte popular. Portanto, a atividade artesanal exemplifica a integralidade entre o pensar e o fazer que materializa um objeto carregado de história e alma (Benjamin, 1994).

No que se refere ao artesanato, abordamos uma concepção apresentada pela UNESCO (1997, p. 06), com ênfase para aquelas que correspondem as suas características mais recorrentes:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado.

Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social.

Mesmo diante de toda trajetória histórica e processos pelos quais o artesanato já passou, observamos que a participação direta do artesão em sua produção, bem como o uso de saberes não escolares, permanece arraigados. De tal maneira, o fato de conservar suas características distintas, é um aspecto que colabora para seu prestígio e admiração.

No Estado da Paraíba, podemos encontrar diversos tipos de artesanato, vão desde os que são feitos com madeira, fios, metais, couro, barro, entre outros. As possibilidades de uso de materiais são inúmeras e todos carregam consigo técnicas que são passadas por gerações. Como significativo incentivador, no ano de 2003, foi criado o Programa de Artesanato da Paraíba (PAP), a partir do decreto nº 26.647 no qual novos investimentos foram direcionados para o artesanato, visando capacitação aos artesãos e promovendo a preservação da cultura e identidade daqueles que o produzem (PAP, 2022).

O PAP tem grande influência para a realização do Salão de Artesanato Paraibano (SAP), que por meio de parcerias com algumas instituições que fomentam a cultura, promoveu no ano de 2023 a sua 36ª edição. Neste ano, contando com a participação de mais de 500 artesãos durante seu desenvolvimento, o evento entrou para a história, como um dos maiores já acontecidos. Em todas as edições o Salão traz um tema em homenagem, desta vez o Salão homenageou a Feira Central do município de Campina Grande, com o tema “Tudo vira arte na feira de Campina”. Simbolizando além da valorização da cultura local, um grande incentivo para visitaçãõ de turistas de vários Estados, bem como incremento para economia.

Representando significativo diferencial para a Paraíba, o artesanato atrai milhares de turistas, que levam as peças pelo Brasil e até, pelo mundo à fora. No ano de 2014, quando houve a 20ª edição do SAP, o tema foi “Da terra, a nossa arte”, abordando a tipologia do barro, dando assim, destaque ao uso desta matéria prima. Os artesãos que comparecem ao SAP encantam a todos com seus trabalhos, cada pessoa que o visita e compra algum exemplar, leva consigo um pouco da nossa cultura.

Temos há alguns anos, a organização de cooperativas, nas quais os artesãos sistematizam a produção e a venda de suas peças. Com esta iniciativa, é possível atrair clientela e assim, aumentar seus lucros. Na cidade de Campina Grande, existe a Vila do Artesão, que disponibiliza de artesanato local variado, praça de alimentação e a simpatia daqueles que lá comercializam suas peças e demonstram ser dispostos a ter uma boa conversa com os visitantes. Todos os incentivos voltados ao apreço do artesanato são importantes e podem promover sua continuidade e renda, por isso, tem boa aceitação e são buscados por artesãos e artesãos.

Ademais, existem também aqueles artesãos que produzem e comercializam seus trabalhos nas próprias comunidades e casas onde moram. É o caso da Associação de Moradores da Chã da Pia, Areia e da Tapera Artesanato, situada na comunidade do Assentamento Oziel Pereira, na cidade de Remígio, lá são comercializadas peças de barro feitas por loiceiras que moram na Região. Historicamente, os saberes que vem do barro se concentraram nestas comunidades, em decorrência do solo local que é formado predominantemente por terra avermelhada, da mesma forma, em decorrência da junção da cultura de seus primeiros moradores: indígenas e negros (Serafim, 1992). Pensando na Tapera, notamos a riqueza de saberes não escolares que caminham junto com as loiceiras há anos e que podem vir a fazer parte das práticas pedagógicas das escolas da Região, de maneira mais direta.

Sabemos que o trabalho com o barro anda lado a lado com o próprio início da história do artesanato, sendo relevante para a construção das sociedades, sobrevivendo entre achados históricos, formulando e contando acontecimentos de diferentes épocas. Neste sentido, esta tipologia sempre acrescentou a educação e evoluiu de acordo com as necessidades da sociedade. Podemos concordar com Lima (2009, p. 189), ao vermos a seguinte asserção:

Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo humano foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu, manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade.

Diante, desta passagem, compreendemos que o trabalho manual vem resistindo cultural e socialmente.

2.4 Artesanato e Educação

Acreditamos que a partir das manifestações culturais presentes nos trabalhos manuais, é possível criar e implementar práticas pedagógicas nas escolas, com o intuito de promover conhecimentos e valorização da história e do saber daqueles que o produzem. São saberes historicamente silenciados por aqueles que colonizaram nosso território, saberes derivados das experiências dos povos que fazem a cultura popular, mas que são discriminados, considerados inferiores, a ponto de serem intencionalmente deixados fora da História, não sendo reconhecidos como fontes de conhecimentos.

Mediante a vastidão de nosso país, vemos que cada Região tem algo que é uma característica própria, dentre tradições e costumes. Assim, compreendemos que reconhecer as memórias e histórias de um lugar é o primeiro passo para uma pessoa sentir que pertence a ele. Construir este sentido junto às pessoas na perspectiva da educação, nos remete a Educação Patrimonial, que tem caráter formativo, ou seja, ela começa na Educação Básica e acompanha a pessoa, que desde criança vai construindo sua identidade cultural. Inclusive, ressaltando a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.40), vemos que há a presença de orientação neste sentido, quando é discorrido acerca dos campos de experiências:

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

Apesar de haver direcionamentos que implicam na implementação da Educação Patrimonial nas escolas em nossa legislação educacional, como é possível observar no artigo 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 – LDB, onde é apontado que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características

regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Percebemos que, a realidade de muitas escolas, difere destas orientações, fazendo falta em suas práticas a realização de atividades relativas a Educação Patrimonial. Moreira e Candau (2008) mencionaram sobre a importância de levar a diversidade cultural às escolas, partindo da atitude de todos que a envolvem, ao pronunciar que elaborar currículos culturalmente orientados demandam uma nova postura por parte da comunidade escolar, de abertura as distintas manifestações culturais.

Na perspectiva de Paulo Freire, é importante que a realidade dos educandos seja tomada como base para o planejamento das ações educativas desenvolvidas na escola, sendo este [...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente (Freire, 1982). Com isso, podemos entender que Freire destaca a importância de estudar a cultura da comunidade e apreender que ela não é inferior, nem menos valorosa do que outras.

Ponderando que é necessário investimento e vontade política por parte de nossos governantes, acreditamos que cada um de nós deve participar ativamente na busca pela valorização e cuidado dos nossos Patrimônios, a exemplo dos saberes atrelados ao artesanato. Mesmo que seja aos poucos, é importante levar esta discussão para as escolas, conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999) esclarecem que a Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural, entendemos que sua incorporação nas escolas é fundamental para educar nosso olhar no sentido da sua valorização.

Face ao exposto, apreendemos que é preciso conhecer para valorizar o patrimônio cultural material e imaterial oriundo do artesanato, isto pode modificar a prática dos educadores e ajudar os educandos, no sentido de favorecer a sensação de pertencimento. Ademais, compreendemos que, o trabalho das artesãs e artesãos continua ganhando espaço e representação no meio social.

O reconhecimento do artesanato pela sociedade vem fazendo com que as pessoas e os lugares onde são produzidos sejam visitados, simbolizando movimentação no turismo. Tal aspecto, promove o intercâmbio de culturas e saberes, frutos da diversidade cultural do Brasil. É muito comum encontrar turistas de outras regiões do país em visita à Região Nordeste, encantados com o artesanato local, muitos são os interessados em saber como as peças são produzidas. Deste modo, ao levá-las para suas casas, não levam apenas as peças, mas os saberes e conhecimentos construídos, oriundos das experiências vividas durante a compra.

2.5 Tradição e memória coletiva nas comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira

As comunidades pesquisadas são vinculadas, não apenas devido sua localização geográfica, mas também por compartilharem os saberes tradicionais que foram produzidos e reproduzidos por seus moradores. As pessoas residentes nas comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, pertencem à famílias que já moravam há muito tempo nesta Região, com seus conhecimentos populares, fazem uso de recursos naturais, tanto para subsistência, quanto para produção de suas peças artesanais. Remetendo ao uso de recursos naturais, como um meio para sobreviver, salientamos que, além da extração do barro, a agricultura familiar é uma atividade recorrente, muitos dos moradores destas comunidades praticam agricultura de subsistência e suas rendas não chegam a atingir um salário mínimo vigente (R\$ 1.412,00).

Predominando em Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira o trabalho com agricultura familiar (roçados: de milho, feijão, batata, jerimum) e o artesanato com o barro, sendo complementada com a pecuária (geralmente pequenos animais: porcos e bodes) que ocorre nos arredores das propriedades das famílias, percebemos os costumes em comum, como esperar o “inverno”, tempo certo para plantar e colher – de acordo com a estação do ano – e a “seca” tempo ideal para investir na produção das louças de barro, pois é melhor para secar e queimar, são fundamentais para manter sua cultura viva. Estas práticas são derivadas de seus povos originários, os indígenas e africanos, desde então, é comum investir no plantio de milho e feijão. Ademais, outros recursos naturais também são usados como meio de sobrevivência, tais como: a água dos barreiros e açudes e as madeiras das árvores para realizar queima das peças de barro.

São saberes e costumes vindos dos povos ancestrais nestas comunidades, mas, se observarmos atentamente, notamos que foram e ainda são silenciados pela hegemonia. Numa hipótese de que não é relevante tratar acerca das histórias e memórias de pessoas humildes. É como Césaire (2020) enfatiza, “e então, me pergunto: que outra coisa fez a Europa burguesa? Ela socavou as civilizações, destruiu as pátrias, arruinou as nacionalidades, extirpou “a raiz da diversidade”.” Visto que a cultura dos colonizadores foi sobreposta a nossa, eles foram alterando e normalizando sua cultura, de modo que a nossa foi praticamente exterminada.

Basta pensarmos quanto ao artesanato com o barro, uma peça que pode parecer simples (figura 9), mas nela estão impregnados traços de um povo e sua cultura, seus modos de fazer e ser, que fazem de cada peça única. De certo, para o artesão ou artesã que a produziu, tem um significado particular.

Figura 9: Algumas peças de barro da Associação de Moradores da Chã da Pia, Areia – PB.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

O trabalho com o barro nas comunidades pesquisadas é feito predominantemente por mulheres, isso tem a ver com sua ancestralidade, de origem das mulheres indígenas. Estas são pessoas simples, geralmente tímidas quando solicitadas a conversar sobre suas histórias e memórias, mas sábias em suas práticas culturais. Elas narram que, quem trabalha com o barro, desperta cedo em sua morada, organiza suas coisas, alimenta-se e sai em busca de sua matéria prima. No entanto, de acordo com relatos dos moradores da localidade, bem como, com o que foi constatado em Alves (2004), esta rotina está acontecendo com menos frequência, pois, é notório que a quantidade de loiceiras vem diminuindo consideravelmente. No início dos anos 2000, podíamos contabilizar 38 artesãs ativas, enquanto nos dias atuais, este número caiu para 29.

Esta é uma informação que nos faz refletir a respeito da continuidade da tradição do trabalho com o barro e dos saberes que o circundam. Infelizmente, nas falas das loiceiras, prevalece que o interesse dos jovens com relação este trabalho é pouco. Isto ocorre em decorrência dos mais variados motivos, desde o baixo retorno financeiro e reconhecimento do trabalho com o barro, até a migração, em busca de outros meios de sobrevivência.

Por intermédio de visitas dialogadas feitas nas comunidades, percebemos que o trabalho artesanal das peças de barro demanda conhecimentos específicos sobre as etapas de produção, estas serão descritas a seguir.

Como já foi mencionado, na produção do artesanato com o barro nestas comunidades, prevalece o trabalho feminino e, geralmente, é feito nas casas de morada das próprias loiceiras. Elas afirmam ter preferência por fazer o artesanato em suas próprias casas e quintais, porque é possível conciliar com as outras atividades domésticas.

O processo tem início com a etapa de ir até um barreiro coletar (Figura 10 a) o barro usando ferramentas como “uma enxadinha”, ele é transportado em bacias ou baldes de plástico, ainda em seu estado natural. Em seguida, acontece a quebra e o peneiramento, onde são removidos todos os detritos, sejam pedrinhas ou galhos de árvores, para que, assim, seja garantida uma modelagem mais eficaz (Figura 10 b).

Figura 10: (a) Loiceira coletando barro e (b) o barro após ser quebrado.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A próxima etapa é molhar o barro, até que ele amoleça, completando este processo, o barro pode ser amassado ou até mesmo pisado. Isto ajuda a melhorar sua consistência e o prepara para deixá-lo descansando, até que as loiceiras venham utilizá-lo. Logo depois, é feita a produção das peças, sejam utilitárias ou decorativas, após a modelagem (Figura 11 a) elas são dispostas ao sol para secar e, por último, ocorre a queima em fornos artesanais, que ficam nos próprios quintais, nestes fornos são colocadas as peças novas embaixo e por cima são colocados “cacos”, restos de peças quebradas, para ajudar no processo de cocção (Figura 11 b). Esta atividade final, geralmente é feita por homens. Isto ocorre, devido ao saber popular que indica que, devido a temperatura muito alta do forno, em torno de 680° , poderia ocasionar infertilidade, caso fosse feito por mulheres. Não há fundamento médico quanto a isso, mas faz parte da tradição. Encerrando todo o processo, as peças ficam prontas para serem usadas ou vendidas.

Figura 11: (a) Loiceira modelando o barro e (b) forno com as peças prontas para a queima.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Vemos que todo o processo acontece em ambiente familiar, as famílias que moram em Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, comumente contam com pai, mãe e filhos, estes dão suporte e cuidados aos parentes mais velhos – que moram na própria casa da família ou próximo –, a maneira como estes interagem e se relacionam, ocasionam hábitos e costumes que se tornam recorrentes, e por conseguinte, a transmissão de saberes vai acontecendo pela tradição e se multiplicando ao passar dos anos, podemos relacionar estes aspectos a traços que se tornam culturais. De acordo com Chauí (2000, p.375), a cultura corresponde a um:

[...] conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração a geração.

Diante desta afirmativa, concebemos que a cultura é construída coletivamente. Com isso, as vivências e experiências das pessoas que habitam em certa localidade, quando incorporadas, poderão influenciar seus modos de ser e agir. No caso das loiceiras das comunidades estudadas aqui, em relação ao trabalho com o barro, destacamos que o conhecimento acerca de seu uso acontece de maneira

intergeracional, por meio da oralidade e de demonstrações práticas. Em nossos diálogos, as loiceiras sempre destacam que aprenderam com suas parentes “cresci em meio ao barro, vendo minha mãe, minha avó, minhas tias produzindo peça de barro (Vânia, 2023)”.

Inclusive, a oralidade, é um elemento fundamental para manter as tradições dos saberes, ela perpetua as histórias e memórias.

Conforme Le Goff (1990, p.476):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Manter a memória coletiva viva, é fundamental para que a identidade cultural das comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira não se perca, e assim, seja promovido a seu povo o orgulho de carregar sua cultura. Para isso, entendemos que é indispensável que sejam dadas as pessoas dessas comunidades boas condições para se materem lá, seja de saúde, renda ou educação. Da mesma forma, inserir os saberes dessa população nas ementas das escolas da região, de modo que venham a ser socializados entre a comunidade escolar. Em nossa pesquisa, existe uma forte conexão entre cultura e educação, exatamente por este motivo, vemos na Educação Patrimonial um suporte essencial para alcançar o objetivo geral deste estudo.

Neste sentido, pressupomos que é de grande relevância realizar pesquisas nas comunidades referidas, acreditamos que nosso estudo pode se desdobrar conjuntamente como um incentivo de reconhecimento. Igualmente, pode trazer notoriedade e visibilidade, atraindo turistas para conhecê-las e adquirir as peças de barro que lá são produzidas.

2.6 O saber negado: as loiceiras fazem História com suas memórias

É comum ouvirmos que quando uma mentira é contada muitas vezes, ela passa a ser vista como uma verdade, infelizmente, isto pode acarretar danos imensuráveis. Se pensarmos o quanto uma mentira pode influenciar e exercer controle sobre a sociedade, ao ponto de provocar tensões e conflitos difíceis de contornar, passaríamos a rever nossos posicionamentos acerca da História que nos foi e é relatada. Primeiramente, devido ao fato que a História que chega até nós por meio dos livros didáticos nas escolas é, na maioria esmagadora das vezes, aquela contada pelos ditos colonizadores. Estes, por sua vez, se preocupam apenas em apresentar a versão do vencedor, da elite branca, daqueles que não se importam com as minorias.

Neste ponto, encontramos o foco da nossa reflexão: como ficam os acontecimentos e memórias das pessoas e comunidades que também constroem História? Frequentemente, estes saberes são negados, mas ainda é tempo para pesquisar e trazer a nossas escolas saberes não escolares, mas que carregam consigo a riqueza que não é devidamente valorizada e reconhecida.

Podemos entender estes saberes negados, como parte integrante da História local das comunidades pesquisadas em nosso estudo, logo apreendemos estes como fundantes para aprendizagens, quando são inseridos nas escolas e favorecem reflexões acerca da realidade em que a comunidade escolar está inserida e servem como referência para construção da identidade cultural local. Para Bittencourt (2011), a História local geralmente se liga a história do cotidiano “[...] ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram desse entrecruzamento de histórias”. Assim, a História local abrange os modos de viver e o dia a dia das pessoas destas comunidades.

Diante disso, precisamos nos inquietar e refazer questionamentos, pois os modos de escrever a História são diversos, bem como a forma como os historiadores repassam a História pode partir de uma decisão tomada por base de evidências específicas. Como Thompson (1981, p.50) demonstra:

Embora os historiadores possam tomar a decisão de selecionar essas evidências, e escrever uma história de aspectos isolados do todo (uma biografia, a história de uma instituição, uma história da caça à raposa

etc.), o objeto real continua unitário. O passado humano não é um agregado de histórias separadas. mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atares individuais se relacionavam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder e subordinação etc.).

Assim, considerando o passado uma soma do todo, ao nos remetermos as loiceiras das Comunidades Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia, podemos observar que suas contribuições para a história local são relevantes e podem ser levadas as escolas da região para serem trabalhadas como saberes que agregam conhecimentos ao educandos. Porém, ao procurarmos registros sobre memórias e histórias destas loiceiras, descobrimos que estes são mínimos e insuficientes para respaldar nossa pesquisa. Isto nos impulsionou a investigar a história local. Logo, notamos que, a maioria dos conteúdos estudados nas escolas, não condiz com a realidade local e acaba reproduzindo conhecimentos que se distanciam da identidade dos discentes da região.

Sabendo que muito do que aconteceu há anos nessas comunidades, ainda está presente nos dias atuais, compreendemos que elas são envoltas do resultado de processos anteriores. Mas, não podemos ficar sempre na dependência de quem conta a História nos livros didáticos para conhecer estes processos, isto nos levaria a uma constante pobreza de experiência. Os educadores são interlocutores que tem potencial para investigar e trazer para as salas de aulas conhecimentos que vão muito além do que lhes é posto. A loiceiras, por sua vez, são a história viva e carregam consigo costumes e experiências que vem sendo passadas de geração em geração.

De acordo Benjamin (2012) a experiência sempre foi comunicada aos jovens, histórias eram passadas de uma geração para outra. Contudo, um fato marcou o modo como isto acontecia, após a 1ª Guerra mundial houve uma transformação na maneira como as experiências eram compartilhadas, dando vez a um novo modo de viver. Foi ocorrendo um verdadeiro abandono do patrimônio humano, os vestígios deixados pelas sociedades não recebiam a mesma importância, a própria cultura foi se tornando fragilizada. É incrível como esta mudança de comportamento foi refletindo e reverberando com o passar dos anos a ponto de chegar em todos os lugares.

Cada vez mais a modernidade, a ideologia dos dominantes e seus interesses vão prevalecendo e tudo aquilo que não lhes importa, vai ficando para trás. E neste

abandono consciente de histórias e memórias, muitas comunidades e pessoas que participaram ativamente da História são esquecidas. O pior é que a própria sociedade reproduz a ideologia de seus dominantes, frequentemente, sem questionar. Podemos imaginar quanta experiência não chegou as escolas, em razão de não concernir com a ideologia dominante. Tudo isso, apenas para seguir um rumo indicado por outros, uma troca que só empobreceu o patrimônio humano, como aponta Benjamin (2012, p. 119):

Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes por um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”.

Com isso, podemos entender que o abandono do patrimônio humano está mais perto do que imaginamos, a classe dominante não teria interesse de contar histórias de mulheres humildes e trabalhadoras, que fizeram e fazem do barro o seu principal meio de vida. Isto nos remete as histórias das loiceiras das comunidades mencionadas, oriundas da junção da cultura dos povos escravizados e indígenas que povoaram a região e lá encontraram um solo que oferecia barro em fartura, que tem arraigadas em seus costumes e práticas imensa riqueza cultural.

Pensando na pobreza de experiência citada por Benjamin (2012), vemos que ela pode ser relacionada a baixa da difusão de experiências que eram passadas pelos narradores, logo, a arte de narrar foi entrando em extinção. Os motivos que incidem neste fato, são concomitantes aos já citados, mas também são referentes a pressa que a vida moderna implica na vida das pessoas, ao imediatismo, tudo pra ontem e só o novo interessa.

Ao visitar as comunidades Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia, nos deparamos com uma diversidade de loiceiras que lá habitam há anos. Bastam poucas horas para que o encantamento gerado pela oralização de suas memórias envolvam aqueles que as escutam. A exemplo temos a memória relatada por Vânia, que nos disse que antigamente haviam muitas mulheres rezadeiras nas comunidades. Nas casas delas, costumava-se encontrar altares com imagens e quadros de santos, vasos com flores, entre outros adornos (Figura 12).

Na casa da rezadeira Tia Biu Grande, seu esposo costumava cultivar imagens dos “Pai Vêi” ou “Preto Velho”, uma das entidades mais procuradas na Umbanda. Devido a essa prática, notava-se muito preconceito das demais pessoas da comunidade com esta família, o patriarca era chamado de macumbeiro. Atribuía até o tamanho dos seus pés, que eram grandes, ao seu costume. Na casa de Tia Biu grande, tinha um altar de adoração com um potinho para colocar moedas, plantas aromatizantes, água e flores – de preferência brancas, jasmim, para purificar as energias. O povo falava que a casa deles cheirava a morte, na cultura local, usavam a flor de jasmim para enfeitar os defuntos, pois, era uma flor acessível financeiramente.

Figura 12: Altar na casa de uma loiceira.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As loiceiras são as narradoras de sua própria história, chega a parecer uma viagem no tempo, as pessoas mais velhas se detêm a pormenores, que nenhuma rede social seria capaz de apresentar em inúmeras postagens, tampouco nas páginas de um livro didático. A ideia de se deter as experiências vividas destas loiceiras através da oralidade para se inteirar das suas memórias, nos remete ao pensamento de Galzerani (2008, p. 22) relacionando a Benjamin, quando discorre:

Benjamin articula o conceito de memória ao conceito de narrativa, oferecendo ao leitor questionamentos e alternativas, relativos à questão da linguagem. Assim, em busca da ruptura de uma linguagem de tipo “tagarelice” (fundada em acepções formalistas e neopositivistas), ele propõe mergulhar o discurso nas experiências vividas – através do uso das alegorias – e, sobretudo, articulando as palavras às coisas vividas.

As loiceiras destas comunidades são a articulação entre passado e presente, o presente que precisa se reconhecer neste passado vivo, para que nada do que aconteceu nestas comunidades se perca na História.

O vencedor mais uma vez entra em cena e como disse Benjamim (2012, p.9) “[...] em cada momento, os detentores do poder são os herdeiros de todos aqueles que antes foram vencedores. Daqui resulta que a empatia que tem por objeto o vencedor serve sempre aqueles que, em cada momento, detêm o poder.” Isto reflete os posicionamentos que nossos governantes tomam diante de assuntos relacionados a minorias, no caso do tema aqui em questão, das loiceiras que passaram anos sem serem vistas e reconhecidas, pois não eram objeto de interesse dos herdeiros do vencedor. De acordo com sua conveniência, estes podem até lembrar que as loiceiras fazem parte do patrimônio cultural local, mas só eles é que sabem qual a real intenção frente à esta atitude.

A intencionalidade faz diferença, nossa pesquisa visa difundir conhecimentos sobre o patrimônio cultural das loiceiras nas escolas da Região, com intuito de reconhecer e valorizar suas histórias e memórias. Isso pode gerar valorização da cultura local, bem como, sensação de pertencimento. O trabalho com a educação patrimonial nas escolas, indica um caminho para corrigir o que muito foi propagado pelos colonizadores e, conseqüentemente, pelos seus herdeiros. É uma oportunidade para desconstruir os padrões eurocêtricos e tudo que foi imposto a partir da

colonização. Neste sentido, abordamos a expressão “pensamento de fronteira” usada por Grosfoguel (2008), que é a resposta epistêmica do subalterno ao projeto eurocêntrico. Conforme o exposto por Grosfoguel (2008, p. 24):

Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica.

Assim, nossa pesquisa, se relaciona aos estudos decoloniais, mas não implica afirmar que estamos negando a modernidade europeia-eurocêntrica. Pretendemos redefinir a maneira como a modernidade europeia é encarada, considerando que nós, os “subalternos”, também produzimos história.

Podemos destacar um fato relevante da história local para ser incorporado nas salas de aulas da região, que comumente acontecia nas comunidades pesquisadas. Por volta dos anos 80, a situação econômica estava muito delicada, a escassez de dinheiro aumentava e as famílias buscavam no escambo a opção para garantir a sobrevivência. À face do exposto, as loiceiras já sabiam quais fazendas da redondeza aceitavam esta prática, bem como, quais peças eram de seu interesse. Estas mulheres, então, produziam as peças e se direcionavam a fazer as trocas, que geralmente, eram feitas por: peixe tipo avoador, macaxeira, batata doce, carne de sol, farinha e massa de mandioca. Nos engenhos que aceitavam o escambo, elas conseguiam açúcar, rapadura e mel. Todos estes alimentos, eram os mais procurados, pelo fato de serem acessíveis e darem sustância para que as mulheres e suas famílias tivessem forças para aguentar a rotina pesada.

Temos, por conseguinte, um aspecto da História local que pode ser aproveitado e potencializado como estratégia para o ensino de História, dentre tantos outros que lá existem. Concebemos, que dar abertura à realidade que nos cerca, é fundamental para que isso aconteça. Assim, será possível oferecer pontos de referência para que crianças e jovens compreendam a ligação que costumes do presente tem com o passado e, com isso, compreendam e construam sua identidade. Thompsom (1981, p. 17) aponta:

[...] conhecimentos se formaram, e ainda se formam fora dos procedimentos acadêmicos. E tampouco eles têm sido, no teste da prática, desprezíveis. Ajudaram homens e mulheres a trabalhar nos campos, a construir casas, a manter complicadas organizações sociais, e mesmo, ocasionalmente, a questionar eficazmente as conclusões do pensamento acadêmico.

Neste sentido, embora não tenham sido reconhecidos a ponto de estarem presentes nas escolas, os conhecimentos não escolares existem e tem grande importância para as comunidades pesquisadas, sendo estes, o sustentáculo que vem mantendo inúmeras famílias que lá residem. Então, estas famílias constroem História, fazem e pensam sobre economia, política e religião, de acordo com seus modos de vida.

Precisamos caminhar no sentido de superar a ideologia dominante e voltar nosso olhar para os saberes que são e foram negados. Tendo como base o pressuposto de conhecer e valorizar os aspectos que compõem a história local das loiceiras das comunidades Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia, acreditamos que levar os saberes não escolares produzidos por estas mulheres ao longo de anos às escolas da Região, é uma maneira de gerar nos educandos a sensação de pertencimento, reconhecimento e construção da sua identidade.

Desta forma, vamos abordar no capítulo seguinte, as histórias e memórias das loiceiras, destacando como o sentimento de pertencimento em suas comunidades está relacionado a seus saberes e costumes, que são passados de geração em geração.

3. NAS COMUNIDADES A VIDA ACONTECE: APROXIMAÇÕES COM AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS LOICEIRAS

Focalizamos neste capítulo os relatos das histórias e memórias das loiceiras, oriundos de conversas que foram realizadas e registradas por meio de gravações, anotações e fotos, para subsidiar nossa pesquisa. Nossas conversas com as loiceiras aconteceram nos quintais de suas casas, na Associação de Moradores da Chã da Pia e na Tapera Artesanato, as quais se desenrolaram a partir de uma apresentação acerca do nosso objeto de estudo - o levantamento de histórias e memórias das loiceiras e seu uso para o ensino de história local - e, em seguida, partindo para a conversa direcionada, que teve como norte um roteiro pré estabelecido, conforme o Apêndice A.

Mas, logo nas primeiras conversas, percebemos que seria necessário a realização de pequenos ajustes no roteiro, para poder refletir de modo mais natural possível a realidade das loiceiras. Ao longo do texto, iremos apresentá-las conforme os nomes próprios, destacando alguns recortes de suas falas. Entre as mulheres com quem conversamos, temos um homem, que é pai de uma loiceira e também desenvolve trabalhos manuais com barro. São 6 pessoas, com idade que vai de 44 a 78 anos, nascidas e criadas nas comunidades. Ressaltamos que as mulheres são predominante na população da nossa pesquisa, pois, o trabalho com o barro é “[...] uma atividade realizada principalmente por mulheres com técnicas artesanais adquiridas de seus ancestrais. Essas ceramistas são guardiãs de tradição multimilenar [...]” (Associação dos Amigos de Areia, 2014, p.13).

3.1. O barro como elo entre gerações: o sentimento de pertencimento e a essência das loiceiras em suas comunidades

Ao partirmos para esta fase da nossa pesquisa, nos direcionamos inicialmente para a Comunidade Chã da Pia, lá visitamos a casa de Marizete, onde encontramos o pai dela, Seu Antonio Florentino (Figura 13). Receptivos, logo nos chamaram para sentar embaixo de uma árvore, onde tivemos uma tarde de longas conversas. Foi um

encontro de gerações, a filha falava das suas lembranças e dos dias atuais, o pai complementava. Perguntamos como Marizete aprendeu o artesanato com o barro:

“Eu aprendi com a minha mãe e eu comecei ajudando ela, porque o nosso trabalho tem um processo muito grande, tem um processo de buscar o barro, de preparar o barro, de amassar o barro e eu comecei indo buscar o barro. A gente ia buscar muito longe esse barro, ela pegava a gente tudinho, a gente ia com os balaios buscar e quando chegava em casa ela botava pra amolecer, depois botava a gente pra amassar, tirar as pedras, os bagaços. E eu comecei fazer as miniatura, pecinhas pequena” (Marizete, 2023).

Em sua fala, Marizete destaca a origem de seu aprendizado acerca do trabalho com o barro, enfatizando o que é comum entre as loiceiras, aprender com a mãe ou a avó, seguindo seus exemplos e orientações. Em meio as suas palavras, esta loiceira parava um pouco e olhava para o horizonte, como se estivesse revivendo cada detalhe por ela apresentado. Lembrando de sua mãe, se emocionou e relatou como tiveram dificuldades de se manter e viver com dignidade, bem como, dos seus ensinamentos, que foram fundamentais para dar sentido a sua vida. De acordo Morigi (2018) a transmissão da tradição, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana. Logo, percebemos como as memórias são fator determinante para repassar costumes nas comunidades pesquisadas. E para além disso, podemos perceber o lugar social que essas loiceiras ocupavam. Neste caso, percebe-se que o trabalho infantil faz parte da vivência das pessoas, bem como o nível de pobreza das famílias de loiceiras que trabalham com o barro é alto, forçando essas pessoas a ter experiências de vida ligadas diretamente a cultura da subsistência.

Considerando que o trabalho das loiceiras, no âmbito das comunidades pesquisadas, constitui-se um importante aspecto no que se refere a seu modo de viver e cultura local, concordamos com Dias (2004, p. 80) ao enfatizar que:

(...) um dos traços definidores do ser humano é, sem dúvida, a geração, o uso e a manutenção de meios de trabalho que lhe assegurem a sobrevivência, a produtividade e a sua afirmação perante o seu grupo social. O trabalho está, portanto, na base da formação, e nos anseios de todo agrupamento humano.

Diante dessa asserção, destacamos que além do artesanato, outra atividade predominante, com vistas a geração de renda nas comunidades é a agricultura familiar. Todas as pessoas que colaboraram com a pesquisa, descreveram que usavam suas terras para produzir, mas passaram por períodos de estiagem, que dificultavam a agricultura de subsistência.

Figura 13: Conversa com Seu Antônio e Marizete.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Conforme relembra Seu Antonio Florentino, sua família tem origem nos arredores da Chã da Pia e eram agricultores. Seu envolvimento com o trabalho com o barro, começou quando se casou com Dona Maria José, mãe de Marizete:

“Meu pai era agricultor e minha mãe, agricultora também. Depois, me casei com Maria José, que era loiceira e começamos a vida. Aprendemos com a mãe dela, que era a Maria Madalena, mãe da minha esposa, né? Aí por isso, ela começou a fazer umas peças, aí a gente não tinha transporte pra carregar, começamos a carregar na cabeça, carreguinho de louça na cabeça. Aí a gente ia pra universidade (UFPB – Areia), ali a gente ia porque tinha muita freguês. A gente já tinha as pessoas lá certo pra comprar e dá de comer a gente, que ia com fome” (Antônio Florentino, 2023).

Seu Antônio destacou, momentos difíceis que passou com sua família, tempos em que o trabalho com o barro gerava pouca renda, mas que podia ser usado também como meio de troca. Destaca-se também o depoimento que indica que os tralhadores além de fazerem as peças de barro, tinham dificuldades de transportá-las e como eram pessoas pobres a fome sempre estava presente. A prática da troca era comum, percebemos isso nas falas de outras loiceiras, como Antônia enfatiza:

“Muita das vezes a gente pegava as louça, saía dum sítio pra outro pra trocar por alimento, sabe? A gente trocava por farinha, feijão, a gente saía daqui pra Cepilho, Camará, Riacho do Boi, levava as peças, aí trocavam por outras coisas. Lagedo do Teteu, aquilo ali tudo, Mata Redonda, por ali por todo canto, ali naquele sítio a gente ia andando, certo? E aí a gente ia a pé, não era de carro não, a gente ia a pé, a gente levava nos balaio, nós ia pesado e quando volta estava pesado de novo, porque a gente tinha que trazer a mercadoria, né? Trazia a farinha, o feijão, macaxeira, o que viesse” (Antônia, 2023).

O discurso de Antônia (Figura 14) retrata o costume que era comum nas comunidades há anos, produzir peças de barro e utilizá-las como troca, partindo de relações econômico-culturais. O fato das comunidades pesquisadas serem cercadas por Sítios, nos quais moravam famílias que trabalhavam com a agricultura familiar, favorecia o escambo. Diante deste aspecto, as loiceiras pegavam sua produção de louças e saíam para vender e trocar, pois, de acordo com o que nos foi relatado, o objetivo principal era a garantia da alimentação das famílias. Segundo Rossetti (2000), “quando a divisão do trabalho começou a ser praticada, estruturaram-se os primeiros sistemas de trocas baseadas no escambo”, com isso, compreendemos que as loiceiras que dominavam a habilidade do trabalho com o barro, investiam na produção de peças para utilizá-las com um meio de pagamento por alimentos produzidos em outras comunidades.

Figura 14: Conversa com Antônia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Seguindo para nossa conversa com Dona Josefa, que é a mais idosa das loiceiras entrevistadas, notamos que em suas memórias há destaque para os sofrimentos vividos e superados, quando indagada a respeito de morar na Comunidade Assentamento Oziel Pereira:

“Minha filha, gosto de morar aqui porque aqui foi onde eu fiz minha vida, com muito sofrimento, porque sofri muito. No tempo da minha mãe, que minha mãe não tinha nada e eu era mais velha, eu era a companheira dela, trabalhava “mais” minha mãe na louça, fazendo louça e vendendo no meio do mundo, minha mãe vendia com carreguinho de louça. Chegava ali para a barragem de Cepilho, ali, aquele mundo todo. Era eu mais minha mãe, com carreguinho de louça na cabeça. A minha mãe criava quatro filhos que teve com dificuldade, porque nesse tempo era uma pobreza muito grande” (Josefa, 2023).

Mesmo com dificuldades, Dona Josefa e sua mãe seguiam suas vidas e faziam do barro um meio de sobrevivência, seja pela venda ou pela troca das peças. Ajudar a matriarca na produção e venda, fazia parte da sua rotina, mas esta loiceira também se dividia no cuidado com a casa e com os irmãos. Seu relato esclarece que nenhuma adversidade enfrentada foi suficiente para tirar a satisfação em permanecer naquela comunidade.

Por trabalharem e viverem de maneira simples, as loiceiras ressaltaram em seus discursos que sofreram muito preconceito, remotamente, quando não era dado o devido valor ao trabalho com o barro. Com relação ao preconceito, Marizete diz:

“Falavam as palavras até feia, que eu não vou nem falar pra você, nos xingava e falava que nós passa a vida inteira amassando barro, assentada no chão, fazendo coisa de barro, era tipo assim, uns palavrão que as pessoas diziam tentando diminuir, né?” (Marizete, 2023).

As loiceiras demonstram um sentimento de que seu trabalho antigamente, não era “visto”, que o fato de fazer peças de barro era considerado algo inferior. Neste sentido, elas destacaram que chegavam a ter uma sensação de medo e vergonha quando viam uma pessoa estranha se aproximar. É o que o Antônia nos diz:

“Pra gente trabalhar, a gente se escondia, porque o povo já sabia. Criticavam ou diziam as coisas com a gente, aí se escondia, eu me escondi muito, eu corri muito quando eu via gente, eu corria, eu me escondia. [...] Era o medo, vergonha, vergonha porque os pessoal, é porque eu não vou dizer o que eles diziam com a gente, sabe? Que a gente se sentia mal mesmo, mas aí foi andando, né? Graças a Deus!” (Antônia, 2023).

Outra fala relevante, acerca do preconceito, corresponde a Vânia (Figura 15):

“Durante toda vida a gente passou preconceito, o preconceito era imenso, tanto que as meninas daqui da comunidade da gente não casava com rapazes da zona urbana. Nós não namorávamos com rapazes da zona urbana. Eles tinham vergonha de namorar com loiceira. Porque o trabalho da gente, eles consideravam sujo, as unhas não eram bonitas, a gente vivia suja de barro. Existiam muitos preconceitos pejorativos, quando a gente chegava no colégio, alguns ainda faziam gracinhas...” (Vânia, 2023)

Estes discursos denotam a realidade daquelas que se esforçavam para realizar seu trabalho, mas que eram marginalizadas pelo simples fato de exercerem uma atividade manual e artesanal, por usarem o barro como matéria-prima, por serem mulheres, por morarem na zona rural, por serem, em sua maioria, negras. Mesmo que algumas falas das loiceiras expressem que hoje em dia há mais valorização do seu trabalho, ainda ocorrem situações desconfortáveis, com falas como: “isso não dá dinheiro”, “tu vai morrer nesse trabalho”. Enfim, um tipo de preconceito atrelado a questões sociais, raciais e históricas, que ainda não foram completamente superadas.

Figura 15: Conversa com Vânia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nos comentários “sem maldade” são evidenciados os traços de preconceito herdado de um passado colonial. Ribeiro (1995, p.236):

Mais do que preconceitos de raça ou de cor, têm os brasileiros arraigado preconceito de classe. As enormes distâncias sociais que medeiam entre pobres e remediados, não apenas em função de suas posses mas também pelo seu grau de integração no estilo de vida dos grupos privilegiados - como analfabetos ou letrados, como detentores de um saber vulgar transmitido oralmente ou de um saber moderno, como herdeiros da tradição folclórica ou do patrimônio cultural erudito, como descendentes de famílias bem situadas ou de origem humilde - , opõem pobres e ricos muito mais do que negros e brancos.

Muitas vezes, é o preconceito destilado pela sociedade que enfraquece o desejo de perseverar com os costumes nas comunidades, fazendo surgir em seus moradores o sentimento de negação de pertencimento a elas.

No entanto, em um contexto que permeia preconceito em várias expressões, encontramos moradores que sentem-se realizados por ser quem são e estar onde estão. Relembro que em determinado momento de sua fala, Vânia relatou sobre o lugar onde mora e esboçou uma expressão de alegria e satisfação por poder continuar lá:

“Falar do lugar onde eu moro, aqui o meu cantinho né? Foi onde toda a história da minha comunidade renasceu, né? Porque estava ficando no esquecimento e foi aqui onde eu comecei a buscar ajuda pra que não deixassem a cultura das loiceiras morrer na minha comunidade. Então, aqui é um lugar especial, além de ser o lugar de produção, é um lugar de comercialização e é o lugar onde eu conto as pessoas, toda a nossa história de resistência” (Vânia, 2023).

Percebemos que são imensuráveis as dificuldades passadas pelas loiceiras e suas famílias ao longo dos anos nas comunidades supracitadas, batalhando por terras para viver e produzir, por água, alimentos, respeito, bem como por manter suas histórias e memórias vivas. A comunidade do Assentamento Oziel Pereira, por exemplo, corresponde a terras obtidas através da Reforma Agrária. Antes, era a fazenda de Seu Antônio Diniz, onde muitas famílias se estabeleciam, algumas loiceiras foram nascidas e criadas neste local. As famílias se organizavam na divisão do trabalho com agricultura e pecuária, Vânia narra que seus parentes passaram anos

trabalhando para o proprietário dessa fazenda. Com o passar do tempo e reivindicações, veio o processo de desapropriação e aqueles que já viviam naquelas terras, conquistaram seus lotes.

Fica evidente nas falas das loiceiras que um dos principais motivos que as faz continuar morando nas comunidades é qualidade de vida que lhes é possibilitada. Elas dizem que é um lugar bom pra se viver, é calmo, onde a violência ainda não é tão frequente. Expressam que não teria sentido, hoje em dia, sair de onde moram e tentar reconstruir uma história, pois sua história é o elo que envolve as comunidades. Marizete e Vânia enfatizam que a permanência delas é para continuar lutando no sentido de não deixar a história local morrer.

3.2. Vivendo e rememorando os saberes que vem do barro: vivências que se transformam em conhecimentos

Em nossas conversas, as loiceiras sempre foram fornecendo as informações acerca das suas histórias e memórias com bastante naturalidade, fato que colaborou para que tudo fluísse bem. Algumas das loiceiras demonstraram certa timidez, mas nada que impedisse que pudéssemos conversar e relembrar como suas histórias foram construídas. Estas mulheres explicitaram como suas vidas foram se desdobrando e como o saber que vem do barro foi perpassando as gerações, com isso, destacamos o quanto a memória tem um papel importante para dar continuidade a História local. Todavia, observamos que existem diversas narrativas e versões sobre os saberes e costumes predominantes nas comunidades visitadas, pois, cada pessoa costuma manter, de maneira voluntária ou não, algumas memórias e esquecer outras. Isto nos remete ao estudo de Galzerani (2008) quando disserta a respeito de Benjamim, apontando que a grande questão na reflexão sobre a memória não é propriamente aquilo que é possível rememorar, mas é saber lidar com o fantasma do esquecimento.

Dona Josefa (Figura 16), que é a loiceira mais idosa com quem conversei, oriunda da comunidade Chã da Pia, relata como se deu o início do seu trabalho com o barro:

“A minha mãe nem estudou, eu ainda pequena e ela trabalhando para criar os filhos, eu era a mais velha. Eu vi a minha mãe fazendo louça pra sustentar a família, aí o jeito que tinha pra ajudar minha mãe, era fazendo também, comecei a fazer. Aí depois começou a aparecer família (Josefa se casou) e não tinha ganho, então eu tive que trabalhar mais ainda, aí eu tive que virar a minha vida, fazia louça, trabalhava a semana todinha, minhas meninas também faziam louça” (Josefa, 2023).

Vemos que o trabalho com o barro, costuma começar a ser ensinado quando crianças e segue acompanhando as gerações como uma fonte de renda para ajudar no sustento das famílias, do mesmo modo, que é favorecido por ser uma matéria prima bastante encontrada na região.

Figura 16: Conversa com Dona Josefa.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Nos relatos de Marinalva (Figura 17) e Antônia, verificamos que seus aprendizados também tiveram origem na infância:

“Aprendi a trabalhar no artesanato desde pequenininha com a minha mãe, porque ela começou a me ensinar com dez anos de idade eu já acompanhava ela. Eu não achava muito bom não, mas a minha mãe dizia você tem que aprender, que um dia você vai ver que vai ser seu futuro, vai lhe ajudar. Ai eu dizia, tá certo, achava meio ruim carregar o barro mais ela, mas ia. Nós carregava o barro lá do outro lado, na ladeira, do outro lado. Minha mãe acordava de manhã quatro hora da madrugada pra nós carregar o barro. Nós carregava na cabeça, num balaio de cipó” (Marinalva, 2023).

“A gente começou muito cedo, né? Ainda na infância. Eu tinha mais ou menos uns sete anos de idade quando eu comecei a amassar barro, sabe? Era minha vó, mas da minha vó, minha mãe aprendeu e da minha mãe passou pra gente. Só que a gente trabalha no barro e na época do inverno a gente trabalha com agricultura, né? A gente mistura. Porque a agricultura a gente só trabalha de ano em ano, né? Porque não é com irrigação. A gente trabalha, quando vem o inverno a gente trabalha. Ai tem a loiça também, que nos intervalo, é nossa renda” (Antônia, 2023).

Figura 17: Conversa com Marinalva.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Assim, por necessidade ou gosto, a tradição do trabalho com o barro foi perpassando e as mulheres foram seguindo suas jornadas de cuidar da casa, família

e, o principal, fazer louça para vender. Isto fez com que as técnicas de manuseio do barro fossem sendo desenvolvidas, melhoradas, repassadas oralmente e pela prática. Destacamos a Comunidade Chã da Pia, por ser a mais antiga da região com a tradição de produção de louças de barro com base em Associação dos Amigos de Areia (2014, p. 6):

[...] um patrimônio de tradição popular de excepcional valor: a arte secular desenvolvida pelas loiceiras do município de Areia, na comunidade de Chã da Pia. Prática enraizada do saber-fazer da cultura e identidade local, que representa uma memória coletiva, um aprendizado ancestral e uma expressão cultural composta por elementos materiais e espirituais produzidos ao longo do tempo

Logo, a referida tradição popular, corresponde a um saber construído coletivamente e se tornou uma referência, quando se trata da Comunidade Chã da Pia.

Ao fim de todas as conversas que tivemos com as loiceiras, indagamos se elas achavam importante que suas histórias e memórias fossem levadas as escolas, para serem usadas como fontes para trabalhar a história local. Ao tocar neste assunto, todas fizeram um breve silêncio, em seguida, com um brilho no olhar, expressaram suas opiniões:

“É muito importante. Porque através disso aí, a gente faz mais conhecimento, a gente tem o nosso conhecimento e junta com o de vocês e faz a história continuar” (Antônio Florentino, 2023).

“Eu acho que é importante, assim, porque vai chegar um dia que as pessoas vão achar importante que as pessoas ensinassem as outras pessoas, pra aprender o nosso trabalho. Porque minha mãe aprendeu com minha avó, mas, hoje em dia, eu nem tenho mais minha avó, nem minha mãe e aí vai chegar um dia que num vai ter mais eu” (Marizete, 2023).

“Primeiro, eu acho que é bom trabalhar com a comunidade, que é importante a nossa cultura, que nós não somos qualquer coisa, que somos artesões como qualquer outro, que produz qualquer tipo de artesanato. Acho importante, pra despertar na comunidade escolar o sentimento de pertencimento, que isso é uma cultura nossa, que nasceu aqui, que é a principal fonte de renda dessas comunidades,

que leva o nome do município pra outros municípios, estados e até pro mundo” (Vânia, 2023).

Podemos dizer que as loiceiras reconhecem a importância de sua cultura e acreditam que levar seus conhecimentos para escolas é um meio de perpetuá-los. Elas percebem que o interesse dos jovens de suas famílias não é muito, quando o assunto se direciona para o trabalho com o barro, por isso, compreendemos que concordam com o nosso objeto de estudo, quando apontamos o uso de suas histórias e memórias como fonte didática.

Sendo o trabalho com o barro o elo que liga tudo que se refere as comunidades que estamos tratando, a partir dele, percebemos que outras práticas e costumes foram se desenvolvendo. A seguir, vamos abordar alguns costumes e histórias locais.

3.2.1 A coleta do barro e a comercialização das peças

A rotina das loiceiras tem início muito cedo, na maioria das vezes, de madrugada. Dividindo-se entre os “serviços de casa” e a produção de louças, eis que existem duas atribuições que demandam ainda mais tempo e dedicação, a coleta do barro e a comercialização das peças. Por serem comunidades rurais, a Chã da Pia e o Assentamento Oziel Pereira, são constituídas por grandes extensões de terras, antigamente eram fazendas, hoje em dia são lotes de pequenos proprietários, nestes encontram-se açudes e barreiros.

A coleta do barro é feita nos barreiros, quando se trata da obtenção dessa matéria prima, os mais velhos recordam como tinham dificuldades:

“O barro eu carregava lá de Seu Severino Carlos, eu morava dentro do “sercado” dele, só que o barro a gente tirava na “terra” de Seu Severino Carlos, só que ele não queria. João Inácio, nesse tempo, era quem era o administrador, aí ele botava o vaqueiro bravo, para o povo não tirar barro, porque Seu Severino não queria, porque o povo cavava muito buraco fundo. Tinha gente que cavava, quando achava uma vinha de barro bom, fazia aquele buracão, aí quando chovia, os gados atolavam, caia dentro dos buracos, atolava e ele não queria que a gente tirasse mais. Quando os empregados chegavam e viam que a gente estava tirando o barro, eles queriam até quase botar os cavalos para o riba da gente” (Josefa, 2023).

Da mesma maneira, Seu Antônio recorda as adversidades relativas a coleta do barro:

“Nós começamos a carregar o barro, ali num lugar chamado Mocó, agora a gente carregava na jumentinha, quando casei eu disse mulher eu vou comprar uma jumentinha pra gente carregar a louça e o barro. Aí eu ia mais ela na frente e amontado na burra uns caçoázinho, quando chegava lá, já cavava o barro, nós botava o saco em cima e trazia pra casa, aí na minha “terra” começava a trabalhar” (Antônio Florentino, 2023).

Diante destas falas, analisamos que até para coletar o barro haviam tensões entre os proprietários das terras e as loiceiras. Como se já não bastassem todos os caminhos e distâncias percorridos, a força física despendida, ainda havia o risco de se deparar com vaqueiros bravos.

O tempo passou e essa situação não mudou muito, de acordo com Marizete:

“A região é muito rica de barro, mas o barro só dá em acesso que não vai uma carroça, não vai uma moto, a gente às vezes vai pegar no carro, deixa o carro longe e ainda carrega nos balde pra trazer pra estrada, pro carro. Nos lugares que tem os bairro bom, os donos, as vezes, não querem deixar a gente cavar a terra. [...] O melhor lugar que a gente pega é ali depois da ponte subindo, só que o nosso trabalho é assim, a gente gosta de misturar os barro, a gente gosta de tirar um pouquinho de um canto e outro, porque o barro fica melhor pra trabalhar e mais forte pra panela aguentar fogo” (Marizete, 2023).

Apesar de terem surgido mais opções de meios de transporte para se dirigirem até os barreiros, as loiceiras ainda se deparam com impasses, mas nem por isso, desistem de manter a tradição.

Após a realização da coleta, de acordo com os relatos das loiceiras, tem que botar o barro no sol, deixar secar, quebrar todinho e aguardar pra depois tirar as pedras e gravetos. Geralmente, no período da manhã, elas fazem os chamados bolos de barro e a tarde elas começam a produção, lembrando que nesse intervalo, vão cuidando da casa, do almoço e das famílias. No período da plantação nos roçados, também dedicam-se a agricultura, com isso, acabam tendo uma jornada tripla ou mais.

Encerrando o processo de produção, as loiceiras partem para a comercialização das peças, como já vimos, antigamente existia o escambo e a venda. Dona Josefa explica um pouco como isso se dava:

“Eu fazia louça, com os meninos, eu mesmo queimava, o problema que eu estou com a mancha no pulmão, que foi a fumaça, queimando louça. Aí tirava a louça de noite, levava lá para a pista. Seu João Miliano pegava de madrugada, eu carregava de madrugada para a pista, para a pista não, nesse tempo não era pista, era rodagem de chão, aí levava para a Arara e eu vendia na feira, quando não tinha carro pra levar, eu botava na cabeça, os meninos maiores que estavam com a gente iam pra Chã de Jardim, Areia, barragem, Cepilho, aquele mundo todo, vendendo, agora vendia para pegar o dinheiro ou trocava por macaxeira, banana, batata, para uma macaíba, para escapar da vida e sustentar a família” (Josefa, 2023).

Já Seu Antônio, ainda chegou a fazer os percursos para revenda usando um jumentinho como seu meio de transporte:

Quando era no sábado a gente vendia, a gente queimava a louça na sexta-feira no forninho, aí quando era na sexta-feira a gente embalava, pegava o jumento, aí levava pra feira no sábado em Areia, né? Aí depois disso, acabou, não estou vendo carregar mais de jumento, aí sabe o que inventamos? Fizeram essa pista aí, acho que no ano setenta e dois, aí eu embalava a louça, botava vinte vasilha num pau lá, nos caçoá, assim botava na cabeça, dava seis horas da noite eu ia levar lá na pista. Pra pegar o caminhão que vinha de Arara pra ir lá pra feira, era luta” (Antônio Florentino, 2023).

Os moradores mais antigos destas comunidades, costumavam usar animais como meio de transporte, bem como fazer frete com aquelas pessoas que possuíam carros ou caminhões, o que importava era conseguir levar suas produções até os locais de revenda. Foi assim durante anos, embora não tenha se excluído completamente essa prática, as loiceiras mais jovens relatam que, nos dias atuais a divulgação nas feiras de artesanato e redes sociais tem ajudado muito a promover a venda das peças e atraído clientes para fazer as compras diretamente com elas.

Como destacamos adiante:

“Eu vendo mais aqui na minha casa, que eu já tenho a minha lojinha e vendo nas feiras. Gosto muito de participar das feiras de artesanato, que é o que eu mais amo” (Marizete, 2023).

“Eu comercializo aqui na Tapera e divulgo por onde passo. Acho importante fazer isso, porque é através do meu trabalho de divulgação e de comercialização das peças das loiceiras da comunidade que conseguimos vender mais. Porque, eu não comercializo só peças minhas, eu comercializo peças de outras pessoas, outras loiceiras que deixam no meu espaço pra serem vendidas” (Vânia, 2023).

Percebemos que entre elas mesmas, vão sendo criadas estratégias, as loiceiras precificam, divulgam e estabelecem redes de apoio para promover e vender suas peças. É relevante destacar que na comunidade Chã da Pia vem ocorrendo periodicamente a Feira Cultural. Nessas feiras, há comercialização de vários tipos de peças de barro, sejam decorativas ou utilitárias, culinária regional, licores, doces, mudas de plantas, cactos e apresentações musicais. Em uma das visitas para realização das conversas com algumas loiceiras, elas estavam reunidas na Associação dos Moradores da Chã da Pia (Figura 18), planejando como seria a próxima feira. Nesta ocasião, além das loiceiras, estava presente a Professora Márcia Adelino da Silva da UEPB (Campus 1), que vem desenvolvendo um brilhante trabalho, no sentido de orientar e incentivar o trabalho das loiceiras. Tivemos a oportunidade de visitar uma das edições e ficamos encantados com a estrutura e organização (Figura, 19):

Figura 18: Visita a Associação dos Moradores da Chã da Pia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Figura 19: Visita a Feira Cultural da Chã da Pia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Como é possível verificar, o incentivo é fundamental para fomentar nas loiceiras o desejo por continuar produzindo. Conseqüentemente, vemos que as comunidades vem atraindo novos clientes para consumir suas produções, do mesmo modo, pessoas interessadas em conhecer e pesquisar acerca das suas histórias.

3.2.2 A agricultura familiar

Observamos que na cultural local, dois traços importantes persistem, a produção de peças de barro e a agricultura, com vistas a garantir fundamental contribuição para alimentação, é predominante nas comunidades a agricultura familiar. Carvalho (2013) indica que “o que prevalece nesta agricultura é a procura da autonomia alimentar, embora se verifique a venda de alguns produtos”.

Desde os mais antigos moradores, segue-se a tradição de esperar o tempo do “inverno” para começar a limpar as terras e prepará-las para o plantio. No entanto, de acordo com os relatos das loiceiras, alguns moradores esperançosos começavam a limpar os roçados já no final de dezembro, pois o “povo antigo” acreditava na chuva da virada de ano, às vezes, tinha uma chuva de repente na virada de ano. Quando essa chuva vinha, limpavam o roçado e o primeiro plantio, comumente, era feijão macaça, porque ele é resistente, então se pegasse estiagem, daria para sustentar por mais tempo.

Outros ficavam aguardando o dia de São José para ver se chovia, a partir do dia de São José, que é 19 de março, se chovesse, já podiam começar a preparar o roçado. Há uma tradição que diz: se der pelo menos um “serenininho” na noite deste Santo é porque vai ser um ano de fartura na colheita, mas se não, já ficava a apreensão entre os moradores.

Todos os anos a expectativa por um bom “inverno” recomeça, assim como, todo processo de plantio no roçado, pois, além de corresponder a uma tradição, é determinante para a alimentação de muitas famílias.

Sobre a agricultura familiar, Carvalho (2013, p. 40) expõe:

O desenvolvimento da agricultura familiar só pode ter êxito se partir da sociedade rural tal como ela é na realidade. Logo, para definir a

estratégia de desenvolvimento haverá naturalmente de ter em conta o agricultor e a sua família.

Isto posto, as loiceiras relatam que suas famílias seguem determinados costumes de plantio e colheita, ou seja, desenvolvem e seguem suas próprias estratégias de manejo da terra, conservação de sementes, entre outros. Por exemplo, para garantir o plantio de um ano para outro, o armazenamento das sementes é feito em silos, quando em grandes quantidades e em garrafas, quando menos. Antigamente, como a produção era menor e o consumo familiar era prioridade, sobrava menos sementes para guardar, então, o milho e o feijão iam direto para as garrafas, tanto de vidro, quanto de plástico. Até hoje, em muitas casas das famílias destas comunidades, encontramos sementes armazenadas em garrafas, aguardando o próximo “inverno”. Guardar sementes nas garrafas também tem outro sentido, além de armazenar, fica mais fácil de compartilhar, Dona Josefa ressalta que mesmo se seus filhos guardarem sementes, ela dá a cada um uma garrafa para plantar o primeiro roçado e, assim, o ciclo vai seguindo.

3.2.3 A água

Assim como em muitas comunidades rurais, nestas que pesquisamos, não havia água encanada anteriormente. Isto implicava no desenvolvimento das atividades da rotina das famílias, que buscavam meios para suprir suas necessidades, indo pegar água nos barreiros, açudes ou no tanques que são predominantes da região, usando baldes e pequenos barris. Hoje em dia, na maioria dos quintais das casas dos moradores, é possível ver que existem cisternas para armazenamento de maiores quantidades de água, possibilitando a encanação da água de maneira particular. No período do “inverno”, a água das chuvas é armazenada, no período da seca, as famílias contam com abastecimento a partir de carros pipa.

Dentro dessa perspectiva de que antigamente o acesso a água se dava indo até os reservatórios naturais, as loiceiras reportam-se ao costume que tinham de ir lavar roupas, principalmente aos sábados. Como Vânia relata:

“O sábado era sagrado para lavar roupa. Durante a semana a gente estudava e trabalhava. No sábado a gente se juntava, os meninos levavam os sacos, na casa que tinha menino, na casa que não tinha, a gente mesmo levava. Juntava a roupa da semana e levava, cada mulher ou menino levava um saco, um saco mesmo de nylon, de roupa na cabeça para lavar. Aí isso era toda a comunidade e as comunidades vizinhas que faziam, porque aqui era escasso de água. Onde tinha água era mais nas propriedades privadas, então, a gente aproveitava os locais que a gente conseguia chegar para lavar essa roupa” (Vânia, 2023).

Toda semana a lavagem de roupas das famílias precisava ser feita, elas seguiam suas rotinas habituais e deixavam o sábado reservado para isso. Nos foi contado, que havia toda uma organização para que a lavagem de roupa acontecesse. Muitas vezes, era necessário sair cedinho com os sacos nas cabeças, crianças no colo, outras correndo pelos caminhos e percorrendo grandes distâncias até chegar ao local. Em algumas fazendas da redondeza, os donos autorizavam a entrada dessas famílias, em outras não. Quando não havia autorização e as famílias não tinham outra alternativa, iam lavar roupas durante a madrugada, mas o problema era quando o vaqueiro da fazenda percebia, pois as loiceiras falam que ocorreram situações em que já estavam com a roupa lavada e estendida em cima do mato pequeno que nascia ao redor do barreiro e o vaqueiro chegava e pisava de cavalo nas roupas, para expulsar as pessoas.

Afastando-se dessa parte mais árdua, as loiceiras também apontam pontos positivos acerca do costume de reunir as famílias para ir lavar roupas. Tal como que as crianças participavam de tudo isso como se fosse uma brincadeira, embora que elas ajudavam a carregar água. Tinha a hora do lanche, neste momento, todas as famílias se juntavam, tinham o hábito de levar comidas e partilhar, uns levavam manga ou a fruta da época, beijus e farofa de nata. Fiquei curiosa por saber como a farofa de nata era feita e Dona Josefa contou:

“A gente sempre levava farofa de nata. Pra fazer, a gente ia cozinhando o leite, fervendo o leite e ia tirando a nata e colocando para secar, juntava bem muita. Eu amarrava num pano e cobria com um tecido de filó para as moscas não sentarem, se não, não prestava. Depois, com a nata seca, levava pro fogo e misturava com farinha, tava feita a farofa. Aí era muito bom e forte” (Josefa, 2023).

A farofa de nata ajudava a garantir a alimentação e era considerada forte, gerando a energia despendida durante o processo de lavar roupas. A união das famílias dentro de sua simplicidade, compartilhando os alimentos - mesmo o pouco que tinham - foi algo bonito de ver no semblante das loiceiras que retrataram estes momentos.

Comumente o lanche ocorria durante uma pausa em que as famílias se reuniam embaixo da sombra de uma árvore, comendo e se distraíndo, as loiceiras contam, que nesta ocasião, havia o costume de contar os causos e histórias de mal-assombro. Este tema abre margem para os relatos do tópico que abordaremos a seguir.

3.2.4 Causos e mal-assombros

Um costume corriqueiro para distrair e passar o tempo antigamente, era reunir as famílias para contar causos e histórias de mal-assombro⁴. Podia ser no caminho para buscar água, ao cair da tarde e até mesmo quando estava perto de ir dormir. Essa prática ia sendo repassada dos mais velhos para os mais novos, até que, de acordo com as loiceiras, a energia elétrica chegou e foi diminuído.

As loiceiras mais velhas dizem que “chega dava gosto” reunir todo mundo pra contar os causos, quando faziam isso a noite, usavam de jeitos e trejeitos para ilustrar as histórias e causar maior impacto nos ouvintes, principalmente nas crianças, que demonstravam medo.

Vamos discorrer algumas destas histórias de mal-assombro a partir do que reunimos das falas das loiceiras:

A serpente com cabeça de bebê

Os mais velhos diziam que tivesse cuidado quando fosse ao açude das Queimadas, porque aparecia uma serpente com a cabeça de bebê lá. No passado, as jovens que engravidavam dos rapazes, não podiam jamais engravidar antes de casar, não podia deixar de ser virgem antes de casar. Então, aquelas jovens que engravidavam e a família

⁴ De acordo com o Dicionário online Michaelis (2023): suposta manifestação de uma alma penada, mal-assombrado, mal-assombramento.

queria esconder, elas provocavam o aborto e jogavam os fetos dentro do açude, isso era uma forma de ocultar o que aconteceu. Então, dizem que o açude das Queimadas era um cemitério de fetos, de bebês. Dizem que essa serpente aparecia lá para assustar as pessoas, mas ela protegia os “anjos”, os bebês. Dizem que muitas famílias importantes fizeram isso, provocaram aborto das filhas e jogaram os fetos dentro do açude. Como ele era um açude que não secava, então achavam lá um lugar seguro para fazer isso.

O mistério do vaqueiro valente e o boi desaparecido

Nas proximidades da Chã da Pia, tem uma serra e hoje em dia, tem uma cruz lá em cima, essa cruz tem a ver com a história do vaqueiro. Dizem que no passado tinha uma fazenda da região onde um coronel tinha um boi, apareceu um boi na terra dele que era muito bravo e que não tinha vaqueiro que conseguisse pegar esse boi, nem colocar no curral. Foi então, que o coronel contratou um vaqueiro de fora, que tinha fama em pegar gado bravo. Esse vaqueiro chegou a fazenda na companhia de seu cachorro e começou a perseguição com o boi. Certo dia, o boi subiu na serra, quando chegou no topo da serra, o boi desapareceu, na hora da agonia, o vaqueiro correu com seu cavalo, escorregaram e caíram lá de cima. Foi encontrado o cavalo, o vaqueiro e o cachorro mortos, o boi nunca foi encontrado, mas “costuma” assustar as pessoas. Por causa disso, colocaram um cruzeiro em cima da serra, que ficou conhecido como o Cruzeiro do Vaqueiro.

A luz azul

A história da luz azul, dizem que é um fato verídico, que realmente aconteceu. As pessoas da região montaram uma romaria, isso foi há mais de 50 anos. O pessoal se reunia e saía para rezar lá no Cruzeiro do Vaqueiro, na Serra de São Pedro. Muitas famílias iam, numa dessas, tinham dois irmãos que iam. Dizem que os dois se apaixonaram pela mesma mulher, eles eram gêmeos. Quando foi um dia, indo para a romaria, um deles levou um revólver. Isso era normal, antigamente, achavam que a pessoa tinha uma arma, era valente e tal. Pois um dos gêmeos levou uma arma na cintura para a romaria e durante o percurso ele foi mostrar que estava armado, querendo afrontar o irmão que tinha conseguido conquistar a menina por quem os dois eram apaixonados. Certo momento, ele foi mostrar a arma para os amigos e alguém empurrou, ele caiu e a arma disparou, matando o irmão. Foi um acidente. Desde então, começou a aparecer uma luzinha azul, que “acompanha” as pessoas, fazendo o percurso de onde aconteceu o acidente até a Serra. Até hoje as ruínas da capelinha desse rapaz existem, tem os vestígios lá no caminho que vai dar na Serra. Antes era bem conservado, era um lugar de visitação, mas infelizmente, depois virou Assentamento e algumas pessoas que não gostavam foram quebrando, destruindo a capelinha.

Maria florzinha

A Maria Florzinha era a história mais tradicional, contada por todas as famílias. Por Maria Florzinha, as pessoas tinham que ter respeito. Contam que os meninos/jovens, quando iam para o mato, levavam fumo no bolso para deixar para ela e quando iam caçar, havia todo aquele culto onde se pedia permissão à comadre Florzinha. No dia que ela não permitisse a caça, não existia caça, porque se respeitava. Também tinham um dizer que se ela assobiasse perto, estava longe e se assobiasse longe, estava perto. Os mais velhos sempre falavam para as crianças, que a comadre Florzinha não gostava de crianças desobedientes, isso era uma forma de discipliná-las. Se a criança fosse desobediente, quando fosse pra mata ia “levar” uma pisa de urtiga⁵. Então, essa história gerava medo e respeito por comadre Florzinha.

Chega a ser incrível como as loiceras falam a respeito dessas histórias e de muitas outras que fazem parte do imaginário dos moradores locais. Umas afirmam com segurança a veracidade, confirmam que conhecem alguém que viu algum personagem ou até que ela mesma viu. Considero indispensável manter viva essa magia que as histórias e causos provoca nas pessoas, acredito que a melhor maneira de fazer isso é continuar contando.

3.2.5 O sincretismo religioso

Por ser recorrente nas falas de todas as pessoas com quem conversamos nesta pesquisa, abriremos um tópico sobre o sincretismo religioso que permeia as comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira. Percebemos como com o passar do tempo as influências religiosas foram incidindo sobre o comportamento e costumes da população das comunidades pesquisadas. Ao observarmos as comunidades vemos casas, comércios e Igrejas, tanto católica, quanto evangélicas, sendo que estas últimas vêm se expandindo significativamente. Além disso, também existe nessa região a presença de religiões de matriz africana, como a umbanda, mas

⁵ De acordo com o Dicionário online Michaelis (2023): plantas do gên. *Urtica*, da fam. das urticáceas, ricas em alcaloides, em sua maioria ervas de folhas opostas, com pelos pungentes que causam irritação à pele.

tudo que a ela se refere é feito quase que de maneira sigilosa, para evitar discriminação e preconceito.

Presente no Brasil desde os primórdios, com a chegada dos navios negreiros, as religiões de matriz africana, ainda sofrem com o preconceito e a discriminação. Ao longo da História, as religiões de matriz africana sempre foram julgadas como magia, feitiçaria, desconsiderando todo seu potencial cultural que foi agregado aos nossos costumes e tradições. Tendo em vista que nosso país foi colonizado por europeus, a cultura trazida por estes povos acabou por se fortalecer e, ao mesmo tempo, subjugar as demais, seja dos indígenas encontrados aqui, seja dos africanos trazidos posteriormente. Acerca das nossas origens Ribeiro (1995, p. 19) aponta:

Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo.

A confluência desses povos, ainda não superou a posição dos dominantes quanto a religiosidade, sempre prevalecendo a católica ou evangélica, sendo comum haver perseguição a demais religiões, fato que constatamos quando as loiceiras nos falaram sobre os praticantes da umbanda.

As religiões de origem africana, diferente de outras, concedem a mulher uma posição tanto de igualdade, no que se refere aos homens, quanto de liderança, mostrando-se mais democrática nesta questão de gênero. Voltando nosso olhar para as comunidades em estudo, quando se trata de aspectos históricos, as loiceiras explicam que as famílias que foram se acomodando nestas comunidades, logo começaram a desenvolver e ampliar seus costumes e tradições, dentre eles, a religiosidade se destacava e o sincretismo religioso se evidenciava por meio da expansão das rezadeiras. Como Miranda (2017, p. 288) ressalta:

No Brasil colonial, os elementos oriundos da fauna e da flora, que já eram utilizados pelas populações indígenas em suas práticas de cura, passaram a ser incorporados, primeiramente, pelos Jesuítas e, posteriormente, pelos agentes da medicina oficial. A partir da chegada dos africanos com suas artes curativas, o receituário da Colônia se tornou ainda mais complexo e híbrido passando a ser empregado

pelos médicos, cirurgiões, barbeiros, curandeiros e benzedores. A intensificação do processo de ocupação da Colônia, em meados dos séculos XVII e XVIII, favoreceu ainda mais a junção desses conhecimentos.

Com esta troca de conhecimentos, o crescimento da religiosidade popular aumentava. As loiceiras expressam que as mulheres mais velhas da comunidade Chã da Pia, que é a comunidade mais antiga, carregam conhecimentos religiosos culturais de origem africana que são oriundos da junção de vários povos e passam estes saberes oralmente, de geração em geração. Ressaltamos que a atuação da mulher é muito comum no campo da cura. Gomes e Pereira (1989), apontam que a presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal. Podemos destacar como rezadeira mais antiga da comunidade, Dona Novinha, e as demais são Dorinha de Laido, Dona Angelina, Dona Baica, Tia Biu Grande, Dona Novinha e Dona Chiquinha de Zé de Mila.

Aprender a rezar e curar não é algo que parte da vontade da pessoa, Dona Chiquinha dizia que ninguém escolhe a reza, a reza é que a escolhe. Após ter rezado Vânia – moradora da comunidade - algumas vezes, ela disse “a reza te escolheu, eu preciso ensinar a você”. Neste sentido, Oliveira (1983, p. 6) aponta:

Não ocorre de forma aleatória, pelo contrário existem regras, a serem obedecidas, cumpridas, tanto pela mestra, como pela aprendiz. As principais regras ou exigências, para iniciar-se no ofício são: acreditar no que estar se propondo a fazer, ou seja, na reza; a aprendiz deve ter uma boa memória; reproduzir na íntegra as diversas orações para diferentes males, pois só assim pode ser evitada, na medida do possível, a mudança no sentido das palavras

As práticas das rezadeiras continuam e se perpetuam, quando a reza “escolhe alguém”. Para as rezadeiras, a reza é um dom dado por Deus, portanto, nada pode ser cobrado por quem exerce tal ofício. A gratuidade da reza, se justifica por este motivo, bem como por fazer o bem a quem necessita. Mesmo assim, há quem receba algum tipo de retribuição pela reza, e nisso, não veem mal nenhum. Algumas das rezadeiras mencionadas, ainda vivas e em pleno serviço, testemunham a trajetória histórica dos seus modos de realizar rituais e das curas alcançadas, mantendo preservadas as suas tradições e costumes.

Cabe destacar que, antigamente, havia um traço recorrente nas rezadeiras da comunidade, normalmente elas também eram parteiras. Sendo assim, as mulheres da região costumavam solicitar a presença de uma rezadeira/parteira quando era chegada a hora do parto. Procurar as rezadeiras/parteiras em busca de ajuda e cura era algo muito comum, principalmente por pessoas que tinham menos condições financeiras. Além disso, há anos, as comunidades rurais eram ainda mais carentes de serviços de saúde de qualidade, portanto, a cura através das rezas, associada ao uso de plantas medicinais, era habitual.

Geralmente as rezas acontecem nas casas das rezadeiras, de fácil localização, uma vez que é comum aos moradores da região saberem informar onde é possível encontrá-las (Castro e Melo, 2007). Nas casas delas, costumava-se encontrar altares com imagens e quadros de santos, vasos com flores, entre outros adornos. Como mencionamos anteriormente, na casa da rezadeira Tia Biu Grande, seu esposo costumava cultuar imagens dos “Pai Véi” ou “Preto Velho”, uma das entidades mais procuradas na Umbanda. As loiceiras relatam que devido a essa prática, notava-se muito preconceito das demais pessoas da comunidade com esta família, o patriarca era chamado de macumbeiro. Atribuía-se até o tamanho dos seus pés, que eram grandes, ao seu costume. Na casa de Tia Biu grande, tinha um altar de adoração com um potinho para colocar moedas, plantas aromatizantes, água e flores – de preferência brancas, jasmim, para purificar as energias. O povo falava que a casa deles cheirava a morte, na cultura local, usavam a flor de jasmim para enfeitar os defuntos, pois, era uma flor acessível financeiramente. Assim, notamos como o preconceito ainda é uma realidade vigente, de acordo com Bobbio (2002, p. 103):

[...] preconceito é uma opinião ou um conjunto de opiniões, às vezes até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida acriticamente e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: "acriticamente" e "passivamente", na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional, vale dizer, a qualquer refutação feita com base em argumentos racionais.

Em relação ao preconceito religioso nas comunidades, Vânia aponta:

“Tinham as pessoas que cultuavam os pretos velhos também, que tinham escondido, para que ninguém soubesse, cultuavam outras religiões afros também. Faziam suas orações no sigilo, por conta do preconceito, da perseguição. Tinha muita, muita gente que fazia isso. Principalmente as pessoas que eram rezadeiras, as parteiras. Elas cultuavam as entidades, mas por conta do preconceito, que era tão grande, que era algo mais sutil, não deixava de ter, mas era algo mais sutil, mais escondido” (Vânia, 2023).

É notável como o preconceito se fortalece mediante a concepção de uma universalização de opiniões, inclusive no que diz respeito a religiões de matriz africana ou indígena, provavelmente, isso ocorre em decorrência das ideologias que são conduzidas pela sociedade. Como era observado o preconceito com relação a quem praticava a Umbanda, as loiceiras da comunidade sentiam isso na produção e venda de peças que são usadas para fazer rituais. Permeava pela comunidade uma crença de que a loiceira que fizesse peças para os trabalhos da Umbanda seria amaldiçoada, pois, acreditavam que todo trabalho era para fazer mal a alguém. Os compradores, ao procurar as loiceiras para encomendar as bacias (Alguidar ou Agdá), pratos fundos e potes, foram percebendo que seria melhor não mencionar para qual finalidade utilizariam. Hoje em dia, mesmo tendo diminuído o preconceito, ainda existe receio sobre produção e venda destas peças.

Sobre a questão da religião católica seu Antônio Florentino enfatizou:

“Olha, na minha infância e adolescência o que predominava era o catolicismo, né? Em todas as casas, elas tinham uma rotina anual de celebrar os dias dos santos, né? Principalmente os santos que eram importantes para o trabalho do campo, que era São José principalmente, que é o santo das chuvas, né? Do agricultor. [...] E os outros dias também: Santo Antônio, São João e São Pedro, eram muito festejados” (Antônio Florentino, 2023).

Estes costumes ainda existem, mas a influências de outras religiões vem fazendo com que diminuam. Exemplificando isso, lembramos que existia o costume de fazer procissões, nas quais se levava um santo de uma casa para outra. No dia de São José ou de Santa Ana, saía-se o santo de uma determinada casa e ia entregar na casa de outra pessoa, que era para celebrar o terço na casa daquela família. As próprias famílias eram quem pediam essas procissões, quando elas pediam para o

santo ir para a casa delas, era porque tinham algo a agradecer. Tal quando nascia um filho, quando tinham tido uma boa colheita ou quando tinham vendido algum animal.

Outra religião presente nas comunidades, corresponde a Evangélica, esta já conta com alguns templos e oferece aos moradores rotinas de orações e cultos. A chegada dos templos evangélicos na região vem alterando a dinâmica de convivência entre religiões, no sentido de a cada dia ganhar mais convertidos e incidir na redução de práticas religiosas, que até então, eram comuns. Algumas loiceiras enfatizam que, geralmente aos domingos, é indispensável reunir a família e se dirigir ao culto para ouvir a palavra de Deus.

Compreendendo que a religião possui grande importância na vida singular das mulheres que moram nas comunidades visitadas, consideramos que o papel feminino ocupa uma posição de destaque. Logo, que nas práticas religiosas, as mulheres sempre tiveram presença marcante, sendo determinante sua atuação, tanto na condução de rituais, quanto rezas. Além disso, a influência das mulheres no que se refere a proteção e cuidado, seja através de suas práticas religiosas ou do trabalho com o barro para prover o sustento da família, é algo que fez e faz toda diferença nestas comunidades. Atualmente, nos deparamos com mulheres empoderadas, que se esforçam para perpetuar seus costumes e tradições, bem como para fortalecer o protagonismo feminino.

4 DO COTIDIANO DAS COMUNIDADES ÀS ESCOLAS DA REGIÃO: AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS LOICEIRAS COMO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste capítulo, será apresentado o percurso realizado durante a pesquisa, no que diz respeito as entrevistas e oficinas feitas com os educadores participantes, bem como, os caminhos que seguimos para construir a sequência didática e o blog.

4.1. Formação e prática docente: entrevistas junto a educadores de uma escola da região

Antes de iniciar os momentos das entrevistas com os educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, efetuamos visitas para apresentar nosso Projeto de Pesquisa, buscamos conhecer os educadores e despertar neles o desejo de colaborar com a execução do mesmo. De acordo com consulta realizada ao documento Projeto Político Pedagógico – PPP, desta escola, estes são os dados referentes ao ano de 2023:

Quadro 1 – Funcionários 2023.

EQUIPE	
NOME	FUNÇÃO
Rosa Balbino da Silva	Gestora
Aline Pereira Rodrigues	Suporte Pedagógico
Jucicleide Alves de Oliveira	Suporte Pedagógico
Emanuel Jorge de Oliveira Cunha	Professor de Artes, Português, Protagonismo, Leitura e Produção e Eletiva.
Alinne Cardoso Albuquerque Ramos de Oliveira	Professora de Educação Física
Carla Dannielle dos Santos Andrade	Professora de Língua Espanhola, Disciplinas Eletivas e Estudo Orientado.
Bruna Eduarda dos Santos Barros	Professora de Língua Inglesa
Daniel Santiago Barroso	Professor de Música
Jobson Darlan Martins Lourenço	Professor de Matemática e Estudo Orientado
Nathalya Marillya de A. Silva	Professora de Ciências, Pensamento Científico, Projeto de Vida, Disciplinas Eletivas

Antônio Felipe da Silva Júnior	Professor de Geografia, História, Ensino Religioso
Micaely Honório da Costa	Professora de Libras
Marcia Patrícia dos Santos	Professora da EJA
Joyciéllen Silva Oliveira	Auxiliar de serviços
Lucélia Moura dos Reis	Manipuladora de alimentos
Maria Iracir de Souza	Merendeira
Maria das Vitórias de Almeida Farias	Auxiliar de serviços
Antônio Luiz dos Santos	Vigia

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2023).

Quadro 2 – Alunado 2023.

ALUNOS	
TURMA	QUANTIDADE
6° ano	14 alunos
7° ano	10 alunos
8° ano	14 alunos
9° ano	13 alunos
TOTAL:	51 alunos

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2023).

Diante do exposto, queremos destacar que dos professores que compõem a referida escola, 07 concordaram em participar das entrevistas que oferecemos, os demais precisaram sair mais cedo no dia combinado e, por este motivo, não participaram. Além destes, a Gestora Rosa Balbino da Silva e a Coordenadora Pedagógica Jucicleide Alves de Oliveira também foram entrevistadas. Para dar seguimento a nossa pesquisa, após as primeiras visitas, preparamos um momento em que fosse possível encontrar os professores sem que houvesse prejuízo das aulas dos alunos. Assim, as entrevistas aconteceram em um dia de horário departamental. Neste dia, me dirigi até a escola, ao chegar lá, já havia decorrido o planejamento da semana seguinte e estavam à minha espera. Após uma breve introdução de como seriam as entrevistas, nos dirigimos a um espaço mais reservado e, de maneira individual, as realizamos.

Todos os educadores envolvidos nesta pesquisa possuem Graduação e Pós-Graduação em suas respectivas áreas de ensino e afirmam participar das formações

continuadas oferecidas pela Secretaria de Educação do Município de Remígio. Partindo destas informações, vamos pensar acerca da educação, enfatizando, por hora a formação e a prática docente. Quando nos remetemos a educação, muitos teóricos vêm a nossa mente, sendo Paulo Freire um dos mais recorrentes a ser colocado em pauta. Trazer as ideias de Paulo Freire para uma reflexão nessa pesquisa, será primordial para que possamos perceber que a educação pode vista como possibilidade de libertar, está relacionada com as ideologias e perspectivas, bem como com a formação dos docentes.

Considerado o patrono da educação brasileira, Freire desenvolveu muitos estudos que servem como fundamentos para pensar sobre a formação e prática docente. Em *Pedagogia da Autonomia* (1996) ele aponta que não há docência sem discência, indicando que a formação docente e as reflexões sobre a prática estão relacionadas e irão incidir diretamente na formação dos educandos, para que estes venham a ser autônomos, críticos e reflexivos, ou não.

Freire (1996, p. 13) elencou saberes que considerava fundamentais à prática docente, sendo o primeiro:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Esta ideia de professor como alguém que transfere conhecimento, é algo que deve ser rebatido logo durante a formação docente, pois os educandos não são vazios de conhecimento ao adentrar nas escolas. Além disso, devemos compreender que quem ensina, também aprende e vice-versa, ocorrendo, assim, uma experiência de troca, que não separa estes processos.

Com isso, vemos que a formação do professor é um fator que implica, de maneira considerável em sua prática, mas o cotidianos do trabalho também vão

agregar conhecimentos que são indispensáveis. Acerca da formação, destacamos as seguintes falas dos educadores entrevistados:

“Considero importante ter formação adequada para a área que trabalho. Eu tenho uma formação em Filosofia da Educação e Especialização em Língua, Linguagem e Literatura pelo CINTEP-IPB” (Emanuel Jorge, 2023).

“Eu sou licenciada em Biologia pela UEPB de Campina Grande. Sou especialista em Educação Ambiental e mestre em Ensino de Ciências, também pela UEPB. Acredito que temos que estar sempre procurando nos atualizar em nossa área” (Nathalya Marillya, 2023).

“Tenho Graduação em Letras, Licenciatura em Língua Espanhola e a instituição que me formei é a UEPB. Somos incentivadas e sempre participamos das formações continuadas” (Carla Dannielle, 2023).

Refletindo a respeito dessas falas, logo consideramos que os educadores entrevistados tem ciência da relevância de ter formação adequada e buscar sempre se atualizar, de acordo com sua área de atuação. Vemos isso como um ponto positivo, que vem colaborando para que realizem seu trabalho de maneira promissora e que reafirma o pensamento de Freire de que não há docência sem discência.

No que concerne a formação docente, Nóvoa (2017) traz em seus estudos a perspectiva de transformar o campo da formação, visando uma nova organização das instituições, bem como dos programas de formação de professores. A vista disso, apesar de todos os desafios formacionais que os professores passam ao longo de suas trajetórias, não podemos considerar isto como algo determinante e imutável. Lembramos, então, das formações continuadas que são oferecidas pelos órgãos mantenedores e tem o propósito de ofertar aperfeiçoamento aos professores, as quais são citadas pelos educadores entrevistados. Esta iniciativa é interessante, mas precisa ser revista, para que sua finalidade não pareça ser mais uma exigência para o trabalho docente. Quanto mais agradável e menos burocrática for a formação, mais será relevante aos olhos dos professores.

A discussão sobre mudanças necessárias nesta área, vem de anos, e mesmo com políticas educacionais voltadas para esta finalidade, é notório que muito do que

foi debatido e documentado, não se efetivou. Desta maneira, Nóvoa (2007, p. 14) discorre que a formação permanece muito situada nas teorias:

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como.

Se a formação não é voltada a reflexão das práticas docentes, dificilmente o professor chegará em sua sala de aula com a concepção de promover práticas inovadoras, pois, há uma forte tendência a reprodução de práticas tradicionais. Mas é preciso romper com essa tendência, caso contrário, como os docentes irão perceber a importância de compreender a realidade dos discentes e, a partir disso, extrair os saberes não escolares para compartilhá-los nas salas de aula? É pensando neste sentido, que nosso objeto de pesquisa visa o trabalho com a formação, para promover reflexões e questionamentos que os motivem a pensar acerca da formação docente, o lugar da escola no contexto de vivência dos estudantes e suas experiências. É uma iniciativa importante, para que nossa pesquisa seja significativa para as comunidades e o trabalho voltado a educação patrimonial e história local, que virá a ser realizado nas escolas, não finde junto com o encerramento da pesquisa.

No que se refere a prática docente, perguntamos aos educadores se eles consideram importante conhecer e trabalhar a partir da realidade dos educandos, destacamos:

“Sim, considero. E para você ver, eu estava falando ali com o pessoal, essa questão do livro didático que vem pra gente, ele é muito distante da realidade dos alunos. Essa questão da educação do campo, da escola estar em área de assentamento e tudo mais, quando a gente pega o livro, é outra realidade, é totalmente diferente. Então, fica complicado até usá-lo como instrumento, mas infelizmente é o que a gente tem. No caso do que é usado aqui, provavelmente é o mesmo que é usado na zona urbana” (Antônio Felipe, 2023).

“Acho fundamental. Não dá pra ignorar isso. Eu lembro até que na minha época de graduação, o meu TCC foi sobre transposição didática, né. Que, enfim, entre outros conceitos, vai dizer que a gente tem que partir da realidade do aluno e não necessariamente do

currículo ou de quaisquer outras ferramentas. A partir da realidade do contexto no qual o aluno está inserido, a gente vai montar um plano de curso, de aula, enfim” (Daniel, 2023).

Como podemos ver nos relatos dos educadores, fica evidente a compreensão de que é fundamental conhecer a realidade dos educandos, tal qual a relevância de buscar realmente se aproximar daquilo que cerca a escola e ainda refletem, fazendo a crítica aos livros didáticos presentes. Observando que os livros didáticos disponíveis nesta escola, enquanto instrumento pedagógico, apresentam conteúdos muito distantes da realidade local, estes ficam praticamente fora de uso. Isto posto, os próprios educadores envolvidos nesta pesquisa exprimem que é preciso procurar alternativas de meios de pesquisa para poder conhecer a história local e levá-la para sua prática docente.

Sabendo que a realidade dos educandos é envolta de saberes, que muitas vezes, não adentram aos muros das escolas. De acordo com Thompsom (2018) “a educação formal, este motor de aceleração (e do distanciamento), ainda não se interpôs de forma significativa nesse processo de transmissão de geração para geração”. É na tentativa de diminuir esse distanciamento e trazer os saberes não escolares para as escolas das comunidades mencionadas, que nosso estudo se sustenta. Thompsom (2018, p.18) aponta:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de “últimas palavras” e relatos anedóticos de crimes tendem a se sujeitar a expectativas da cultura oral, em vez de desafiá-las com novas opções.

Diante disso, reafirmamos que ainda há muita dificuldade em reconhecer a diversidade cultural do nosso país e inserir os saberes não escolares nas práticas pedagógicas. Mas o que irá acontecer com estes saberes caso não sejam reconhecidos nas salas de aula? Irão se perder, mas não perder meramente um saber, é perder uma parte da História de pessoas e comunidades. Isso significa fortalecer a

História contada pelos vencedores e esquecer quem também contribuiu para a vitória, mas não foi ouvido. Precisamos dar voz as pessoas.

No entanto, sabemos que todo professor tem sua subjetividade e, por isso, devemos compreender sua formação e prática docente, juntamente a partir das histórias de vida do mesmo. Larrosa Bondia (2002a), aponta isso como o “princípio da subjetividade” ou, também, da reflexividade ou da transformação. Se a origem e a formação dos professores são aspectos que refletem nas salas de aulas, vale salientar, que observamos na escola onde a pesquisa foi realizada, que muitos dos professores que lá atuam, não são moradores das comunidades, fato que pode ser um indicativo da ausência do trabalho mais efetivo com os saberes locais.

Cabe descrever que entre os educadores que trabalham na escola visitada, encontramos apenas uma Professora que mora na Comunidade Chã da Pia, os demais moram na Cidade de Remígio, Areia e Pedras de Fogo, de modo que é um aspecto que conjuntamente pode inferir na prática docente, no que se refere a considerar a realidade local em seus planejamentos. Sem dúvidas, é um desafio, embora, que possa significar um estímulo para aqueles que desejam atender as demandas de seus educandos, propiciando a pesquisa pelos saberes locais.

A professora Aline, de Educação Física, descreve uma situação em que considerou a realidade de seus educandos como um incentivo a dar voz e trazer para a escola um pouco de suas histórias:

“Eu sempre fui muito aberta com os alunos daqui. Eu acho que é por isso que eles têm tanto carinho por mim, porque eu criei essa abertura de diálogo com eles. Nós fazemos muitas trocas. Quando eles trazem tudo para cá, como eu posso dizer? Da raiz deles mesmo e aí a gente coloca na aula, mostra para eles. [...] Por exemplo, vou te dar um exemplo, eu fiz uma pesquisa, nos dois primeiros anos aqui com eles sobre jogos e brincadeiras que eles tinham. Fiz um levantamento com eles, do que eles conheciam sobre isso, do tempo dos avós deles, dos pais deles. Quando a gente juntou tudo, eles amaram” (Aline Cardoso, 2023).

Tanto no relato de Aline, quanto dos demais educadores, apontam que aprendem muito com a comunidade escolar, que no cotidiano vão acontecendo experiências que os levam a querer conhecer mais a realidade que os envolve. Porém, enfatizaram que a necessidade de cumprir carga horária e seguir os currículos pré-

estabelecidos, acaba por atropelar essas experiências. Ocasionalmente, que ao invés de enriquecer ou aprimorar certas experiências oriundas de saberes locais, elas findam no próprio momento em que se desenrolam.

Quando pensamos na questão da experiência, lembramos de Larossa Bondia, este autor, busca explicar a experiência de maneira detalhada, fazendo um verdadeiro jogo com as palavras, nos envolvendo e nos fazendo perceber que seus estudos apontam que, na sociedade moderna, a experiência está ficando cada vez mais rara. Bondia (2002a) indica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Tudo o que acontece e toca uma pessoa, deixa marcas para o resto de sua vida. Reflitamos que vivendo em uma sociedade que nos bombardeia de informações, mas que, muitas vezes, exige que sigamos como se nada tivesse acontecido, como, de fato, ter experiência? Como desacelerar, viver e permitir que algo nos toque? Precisamos ter sensibilidade, mas igualmente, tempo para ter experiências, particularidades que o sujeito moderno não tem, imagine um professor que precisa cumprir 30 ou 40 horas semanais, como nossos entrevistados.

Percebemos que nas entrevistas era recorrente o tema do currículo, este por sua vez, está atrelado às questões que compreendem a prática docente. Nossos colaboradores demonstraram sentir o desejo de conhecer os saberes locais, muitos até já conhecem, mas se sentem presos às cobranças de cumprimento de currículo prescrito. Concebemos que a escola é um local onde não apenas se transmitem conhecimentos, mas também se constroem e, por isso, devemos pensar o currículo como o resultado de uma construção coletiva, com conteúdos significativos e relevantes para os educandos. O educador por sua vez, tem um papel fundamental na implementação do currículo, ele não deve ser um mero transmissor, mas sim, formador, além disso, deve ter consciência social. Porém, se apegar apenas ao currículo prescrito, pode ser limitante.

Os conhecimentos difundidos nas escolas, principalmente os que vêm prescritos devem ser descontextualizados e recontextualizados de acordo com a realidade de cada escola, antes de serem debatidos, assim, estes não cairão no simples ato de reprodução. Logo, todo conhecimento que o educador leva para sua sala de aula precisa ser primeiramente apropriado e refletido, antes de ser trabalhado.

Nesta compreensão, Moreira e Candau (2008) nos colocam a reflexão sobre a relevância de pensar na construção do currículo a partir da tomada de novas posturas,

surge, assim, a proposta do currículo multiculturalmente orientado. Para que tal proposta seja alcançada, é necessário que o corpo docente seja mobilizado e colocado a se sensibilizar diante da pluralidade e diversidade que permeia sua realidade. Moreira e Candau (2008, p. 31) dizem que:

Faz-se indispensável superar o “daltonismo cultural”, ainda bastante presente nas escolas. [...] este daltonismo é tão intenso que chega a impedir que as professoras reconheçam a presença da diversidade (e de suas conseqüências) na escola.

Diante disso, reafirmamos que é preciso reconhecer a diversidade cultural que cerca os educandos, para assim, valorizar o patrimônio cultural material e imaterial, isto modifica a prática dos educadores e ajuda os educandos no sentido de favorecer a sensação de pertencimento. Voltando-se a nossa pesquisa, entendemos que aproximar os educandos das memórias e histórias do seu local, para que eles reconheçam seu valor, é indispensável.

Em diálogo com o Professor Jobson, ele ponderou:

“Aqui nos arredores a gente tem uma diversidade muito rica. Em termos de vegetação, o prédio mesmo em si está inserido numa comunidade que tem bastante quantidade de materiais que a gente pode explorar. Que a gente pode trazer de fora para dentro da escola, como também, o conhecimento que a gente pode levar aqui adiante também para os arredores da escola” (Jobson Darlan, 2023).

Desta forma, entendemos que os docentes aos quais nos reportamos, compreendem que estão inseridos numa comunidade que é rica em saberes locais e que estes podem vir a contribuir com as suas práticas pedagógicas. Presumimos que havendo mais incentivo e oportunidades, a cultura local pode ser mais trabalhada nas escolas da região.

Toda mudança é desafiadora, na educação muitas vezes é lenta, mas a transformação de práticas tradicionais em práticas democráticas e libertadoras, virão para arrematar cada esforço direcionado no sentido de sua conquista. Com isso, podemos dizer que, cada vez mais, o docente precisa ter senso crítico e ser participativo, pensando sobre os saberes que são relevantes para os discentes, partindo sempre da realidade deles. Contudo, são muitas as implicações que impedem que isto se concretize, desde a falta de políticas públicas específicas, até a

origem dos professores, que vem de outras cidades ou da cidade para o campo, bem como a formação dos mesmos. Por essa razão, inferimos que formações continuadas são indispensáveis para que práticas voltadas a Educação Patrimonial e História local possam acontecer nas escolas e, com isso, avançamos para a próxima etapa da nossa pesquisa que corresponde as oficinas.

4.2. Vivenciando os saberes locais: oficinas pedagógicas

A partir deste ponto, vamos apresentar as oficinas que realizamos com os educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire. Nossa proposta partiu da compreensão que as oficinas pedagógicas são propícias para promover interações do grupo envolvido na pesquisa, bem como servem como uma formação continuada, abordando o tema em estudo.

Diante desta constatação, realizamos as oficinas de formação junto aos educadores, com expectativa de promover vivências que venham a construir conhecimentos, além de despertar o interesse pela história local. Assim, os docentes tiveram a oportunidade de ter suas próprias experiências com os saberes locais e poderão espelhá-los em suas práticas nas salas de aulas. Entrelaçando experiência e formação, Bondia (2002b, p.133) explica que é fundamental:

Pensá-la como um tipo particular de relação, como uma relação de produção de sentido (...) a formação implica, necessariamente, nossa capacidade de escutar (ou de ler) isso que as coisas (textos, filmes, notícias, pessoas, objetos, animais, cotidiano, etc) têm a nos dizer. Uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta cancelou seu potencial de formação e de trans-formação.

Em consonância com este entendimento, presumimos que em virtude da nossa proposta das oficinas, favorecemos momentos significativos de escuta e vivências aos docentes que, por sua vez, produzirão efeitos significativos para suas práticas.

Como já mencionado, as oficinas aconteceram na Tapera Artesanato, tanto por ser próxima a escola, quanto por ser um lugar que simboliza a cultura local de maneira viva, vamos decrivê-las a seguir.

1ª Oficina:

Para a primeira oficina, definimos o seguinte objetivo: Apresentar aos educadores histórias e memórias das loiceiras da Tapera, em parceria com Vânia (fundadora da Tapera Artesanato). Fomos orientados pelo seguinte roteiro:

Quadro 3 – Roteiro da 1ª oficina

1ª OFICINA
<ul style="list-style-type: none"> • Abertura e boas vindas (música: Ouricuri); • Apresentações de cada integrante do grupo; • Fala da pesquisadora: apresentação geral sobre a proposta do trabalho com histórias e memórias das loiceiras nas escolas; • Fala de Vânia: das origens das comunidades aos desafios de manter a tradição do trabalho com o barro; • Relatos de loiceiras: principais tradições das comunidades; • Momento de socialização ou questionamentos do grupo; • Lanche e encerramento.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Tendo este norte como ponto de partida, nossa primeira oficina ocorreu na tarde de uma sexta feira. Neste dia, combinamos antecipadamente, por meio de contato com a Gestora Rosa Balbino, que iríamos nos encontrar na Tapera a partir das 13:00h. Ao chegar na Tapera, me deparei com Vânia e fizemos alguns ajustes acerca de como a oficina seria conduzida, pois havíamos pensado em convidar mais uma loiceira, mas não encontramos uma que se dispusesse nesta ocasião.

Aguardamos por uns minutos e logo quando todos os educadores que confirmaram presença chegaram, demos início a oficina. Para tal, nos reunimos próximo a um alpendre, por ser um local amplo e com sombra. Abrimos a oficina com as boas vindas ao som da música ‘Ouricuri’, composta por João do Vale e José Cândido, cantada por Clara Nunes e João do Vale.

Oricuri (O Segredo do Sertanejo)⁶

Oricuri maturou ô é sinal
 Que arapuá já fez mel
 Catingueira fulôro lá no sertão
 Vai cair chuva granel
 Arapuá esperando
 Oricuri maduricer
 Catingueira fulôrando sertanejo
 Esperando chover
 Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
 Um ou outro que lá aprendeu ler
 Mas tem homem capaz de fazer tudo doutor
 E antecipa o que vai acontecer
 Catingueira fulora vai chover
 Andorinha voou vai ter verão
 Gavião se cantar é estiada
 Vai haver boa safra no sertão
 Se o galo cantar fora de hora
 É mulher dando fora pode crer
 Acauã se cantar perto de casa
 É agouro é alguém que vai morrer
 São segredos que o sertanejo sabe
 E não teve o prazer de aprender ler
 Oricuri maturou
 Ô é sinal que arapuá já fez mel

A escolha desta música de se deu pelo fato de sua letra possibilitar reflexões acerca de saberes não escolares, que geralmente, são oriundos de pessoas que residem em zona rural. São conhecimentos que podem não ter fundamento científico

⁶ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/joao-do-vale/1546761/>
 Acesso: 06 de novembro de 2023.

comprovado, mas que a tradição os justifica, eles reverberam por gerações. Logo, conseguimos envolver os educadores cantando e nos remetemos ao tema central da nossa pesquisa.

Ao fim dessa introdução, convidamos os educadores a se apresentarem, com o intuito de que todos os envolvidos se integrassem. Nas apresentações, disseram seus nomes, formação, área e turmas que trabalham. Vânia e eu, também nos apresentamos, tão logo, dei continuidade com uma exposição geral sobre a proposta de trabalhar com histórias e memórias das loiceiras nas escolas. Avançando para outro momento, passei a fala para Vânia, que relatou acerca das origens das comunidades, dos desafios de manter a tradição do trabalho com o barro, dentre outros aspectos. Fomos percebendo que os educadores ficaram atentos (Figura 20) e demonstraram interesse por tudo que estava acontecendo, de vez e quando, faziam perguntas e se remetiam a alguma experiência ocorrida juntos a seus alunos, como se confirmassem aquilo que estavam ouvindo.

Figura 20: Educadores na primeira oficina.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A vista disso, compreendemos que quanto mais conhecemos sobre um tema, mais valorizamos o que ele nos oferece. A participação dos educadores nas oficinas reforçou nosso entendimento de que a realização de atividades relativas à Educação Patrimonial e História local nas escolas da região poderá favorecer o alcance do nosso objetivo geral.

Quando prosseguimos para o ponto em que tratamos de histórias das loiceiras, enfatizando as principais tradições das comunidades, Vânia trouxe em sua fala as memórias apreendidas a partir de suas vivências. Destacando a relação do trabalho com o barro:

“É a minha história, eu nasci, eu costumo dizer que eu nasci no barro, porque minha mãe diz que depois do meu do meu nascimento, não só meu, como de todos os meus outros irmãos, após o sétimo dia, após o parto, ela já começava a produzir, porque não tinha outra fonte de renda, a não ser a produção de peça de barro” (Vânia, 2023).

A história de Vânia se confunde com as histórias de outras loiceiras, é comum que elas comentem que são envolvidas com o trabalho do artesanato de barro desde a infância. Assim, a oficina foi sendo conduzida, ainda foram abordados costumes, crenças, culinária local, causos, entre outros.

Com o avançar da tarde, seguimos para o momento de socialização e questionamentos. Ponderamos ser importante abrir um espaço específico das oficinas para que o grupo pudesse se colocar e comentar a respeito do que estávamos tratando. A seguir, as falas de alguns dos educadores participantes desta oficina mostram muito bem isso:

“A oficina foi interessante mesmo. Vejo que de uns tempos para cá, a gente vê que alguns aspectos da cultura local começaram a emergir, assim, digamos, na sociedade. Tem gente que não reconhece isso como uma coisa que é interessante, que é importante. Mas, eu acredito que esse trabalho, quando ele vem da escola, ele já ajuda a construir essa ideia de identidade cultural nos educandos” (Carla Dannielle, 2023).

“A gente vê as louceiras como sendo um patrimônio do nosso país, elas têm uma raiz tão fixa dentro do contexto histórico que é muito interessante. Então, a gente não vê o trabalho delas só como uma fonte de renda mais, mas sim, como um patrimônio histórico cultural” (Rosa Balbino, 2023).

Perante estas falas, outros educadores também foram reafirmando a relevância de se apropriar da história local, de envolver os educandos para trazer as histórias de suas famílias para as salas de aulas e de considerar importante que ocorram formações continuadas que reflitam a realidade que cerca a escola. Encerramos a primeira oficina com um lanche e boas conversas sobre educação, ademais, deixamos combinada a próxima oficina, que será descrita no tópico que segue.

2ª Oficina:

Para a segunda oficina, definimos o seguinte objetivo: Realizar junto aos educadores vivências com o uso do barro, para incentivar práticas de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural local. Fomos orientados pelo seguinte roteiro:

Quadro 4 – Roteiro da 2ª oficina

2ª OFICINA
<ul style="list-style-type: none"> • Abertura e boas vindas (música: lavadeira); • Fala de Vânia: explicação sobre o processo do trabalho com o barro: • Coleta e o tratamento do barro; • Modelagem; • Técnicas e ferramentas utilizadas; • Queima; • Precificação e venda. • Vivência coletiva: manuseio e modelagem de peças de barro. • Lanche e encerramento.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A segunda oficina, assim como a primeira, aconteceu numa tarde de sexta-feira na Tapera Artesanato. Desta vez, quando cheguei, tive mais tempo de conversar com Vânia e de preparamos o espaço para a oficina, pois como iríamos fazer o manuseio do barro, era necessário colocar as mesas próximas ao alpendre, onde fica mais sombra durante a tarde. Com todos os ajustes feitos e educadores presentes, demos as boas vindas e iniciamos cantando e interpretando a canção folclórica ‘Lavadeira’

(domínio público). Explicamos que se tratava de uma canção simples e que retratava o passo a passo de uma atividade comum, realizada pelas mulheres da região, a cada vez que um passo era falado na canção, fazíamos o gesto correspondente:

Lava lava lavadeira⁷

O sol vai nascendo ali
Eu vi uma velhinha assim
Com a trouxa desse tamanho
E a água pequenininha (Refrão)
Lava lava lavadeira
Quanto mais lava mais cheira
(Refrão)
Enxagua, enxagua, lavadeira
Quanto mais enxagua mais cheira
(Refrão)
Torce, torce, lavadeira
Quanto mais torce mais cheira
(Refrão)
Passa, passa, lavadeira
Quanto mais passa mais cheira
(Refrão)
Dobra, dobra lavadeira
Quanto mais dobra mais cheira
(Refrão)
Guarda, guarda lavadeira
Quanto mais guarda mais cheira
(Refrão)
Dorme, dorme lavadeira
Quando mais dorme mais cheira.

⁷ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/professor-moreira-jr/lava-lava-lavadeira.html>
Acesso: 10 de novembro de 2023.

O objetivo de empregar essa canção, não se limitou a estimular os participantes a acompanhar com gestos na medida em que iam cantando, mas sim, de relembrar um costume que Vânia havia relatado quando nos falou a respeito do modo como se organizavam aos sábados, indo aos tanques de água para lavar todas as roupas utilizadas ao longo da semana. Observamos que foi um momento significativo e divertido.

Vânia deu prosseguimento a oficina explanando sobre o processo do trabalho com o barro, já com o barro em mãos, manipulava e falava aos presentes como era feita a coleta e o tratamento da matéria prima em uso. Todos atentos observando cada movimento feito por Vânia, sua agilidade nos chamou a atenção, bem como, a naturalidade como molhava, amassava, limpava e modelava o barro (Figura 21). Durante esta prática, nossa colaboradora explicou acerca das técnicas e ferramentas utilizadas. Como podemos contemplar em seguida:

Figura 21: Vânia manuseando o barro.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Fomos convidados a manusear o barro (Figura 22) e, acompanhando as orientações, começamos a senti-lo. Quando ainda encontra-se em seu estado mais natural, é um pouco áspero, com pedrinhas e gravetinhos. É necessário molhar, amassar, usar o tato para identificar quais elementos, destes citados, precisam ser removidos, esse procedimento, vai fazendo o barro ficar liso e flexível.

Figura 22: Educadores manuseando o barro.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A sensação tátil que o barro proporciona é prazerosa, nos envolvemos nesta ocasião. Mas, como não detemos a prática, não conseguimos modelar os vasos sem a ajuda de Vânia e reconhecemos que é indispensável ter paciência e técnica para produzir peças de barro. Os resultados das nossas modelagens foram dois vasos de tamanho médio, sendo um de borda lisa e outro de borda detalhada (Figura 23). O passo seguinte é a secagem das peças que é feita ao sol e, por fim, a queima.

Figura 23: Vasos modelados pelos educadores, com a ajuda de Vânia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Durante esta etapa da segunda oficina, Vânia comentou a respeito da questão de precificação e comercialização das peças, ela explicou que costumam precificar considerando a quantidade e qualidade de matéria prima utilizada, os procedimentos aplicados na confecção das peças, o tempo e a mão de obra despendida, tamanho da peça, entre outros. Já a comercialização das peças é feita comumente nas feiras livres das cidades vizinhas, algumas loiceiras vendem em suas próprias casas ou nas Feiras Culturais promovidas na Chã da Pia, outras deixam na Tapera, onde Vânia as reúne e também as comercializa nas Feiras de Artesanato e em lives⁸ realizadas na rede social Instagram.

Perguntei a Vânia se a comercialização das peças de barro são importantes para sua renda e obtive a presente resposta:

“Sim, é importante, hoje sim. Antes não tanto, não era importante. Porque, não tinha a mesma valorização que tem hoje depois de todo

⁸ Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais. O Instagram, por exemplo, possui uma ferramenta que permite ao usuário fazer uma transmissão de vídeo em tempo real para os seguidores. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml>. Acesso: 16 de novembro de 2023.

esse trabalho de divulgação, né? Ganhou visibilidade. Antes, as pessoas, elas não quase não compravam. Elas preferiam trocar por qualquer coisa, por farinha, por macaxeira, por qualquer coisa, porque elas achavam que não tinha muito valor. Então, qualquer coisa que trocasse, era bom. E isso magoava muito a gente, porque fazer peça de barro não é fácil. Magoava muito a gente ver que o nosso trabalho era desvalorizado, né? ” (Vânia, 2023).

De acordo com relatos de outras loiceiras que já foram expostos neste trabalho e que corroboram com essa fala, era comum trocar suas peças por alimentos, com a finalidade de garantir a alimentação das famílias. De certa forma, essa ação gerava uma ideia de que o artesanato com o barro não tinha valor de comercialização, mas o tempo foi passando e as condições das famílias das comunidades melhorando. As loiceiras, então, foram se atentando para a relevância de superar essa ideia que, por anos foi difundida, procuraram apoio com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), por exemplo, criaram sua própria feira cultural, assumiram práticas de propagação nas redes sociais, enfim, perceberam que a divulgação era o principal meio de valorizar monetariamente seu trabalho. De fato, essas ações surtiram o efeito esperado e, atualmente, é possível realizar mais vendas e com preços justos.

Dando continuidade, fomos convidados por Vânia, para conhecer um dos fornos (Figura 24) no qual as peças costumam ser queimadas. Este fica localizado a certa distância da casa de morada, é construído a partir de uma mistura de barro, em formato cilíndrico e com dois arcos no meio. Para efetivação da queima, as peças são dispostas acima dos arcos e cobertas com restos de peças (cacos) é feito um fogo, tipo uma fogueira com madeiras (lenha) recolhidas nas matas dos arredores, é uma etapa que pode durar cerca de duas a três horas, realizada predominantemente por homens.

Figura 24: Conhecendo um dos fornos no quintal de Vânia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Realizamos um passeio pelo quintal de Vânia, onde se localiza sua casa de morada, espaço de produção e venda das peças. É a união destes ambientes que constituem a Tapera Artesanato.

Para concluirmos a segunda oficina, lanchamos e acordamos que na próxima seria oportunizada a construção da sequência didática, para isso, orientei que os educadores poderiam trazer algumas sugestões anotadas. Em face deste encerramento, consideramos que estávamos vivenciando momentos proveitosos e que estavam colaborando para a formação dos educadores envolvidos, no sentido de construir novos conhecimentos e abrir possibilidades de novas práticas na escola em que trabalham.

4.3. Frutos da construção coletiva: da sequência didática ao blog

Ao chegar nessa fase da nossa pesquisa, tivemos como pressuposto a colaboração dos educadores para organizarmos uma sequência didática multidisciplinar (subproduto) e, por fim, construir um blog a partir dos registros realizados ao longo da execução deste estudo (produto final).

4.3.1 A sequência didática

3ª Oficina:

Para a terceira oficina, definimos o seguinte objetivo: Elaborar, em parceria com os educadores da escola envolvida na pesquisa, uma sequência didática multidisciplinar, a partir dos conhecimentos construídos nas oficinas anteriores. Fomos orientados pelo roteiro a seguir:

Quadro 5 – Roteiro da 3ª oficina

3ª OFICINA
<ul style="list-style-type: none"> • Abertura e boas vindas; • Entregar o roteiro; • Solicitar que cada integrante do grupo dê contribuições para a construção da sequência didática; • Reunir e organizar as sugestões; • Elaborar a sequência didática multidisciplinar junto a equipe pedagógica da Escola Paulo Freire; • Socializar a versão final da sequência didática; • Lanche e encerramento.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Tendo em vista que a reta final da pesquisa estava se aproximando, nos dirigimos mais uma vez a Tapera, numa tarde de sexta-feira, para concluir o que

havíamos acordado junto aos educadores ligados ao nosso estudo. Com a chegada de todos que confirmaram participação, pronunciei as boas vindas e demos início a nossa programação. Em roda de conversa (Figura 25), socializamos acerca das oficinas anteriores, enfatizando os saberes locais a partir das histórias e memórias que foram abordadas por Vânia.

Figura 25: Socializando sugestões para a sequência didática.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Após a nossa conversa fiz a entrega de um roteiro de orientação, detalhando sobre como deveríamos sistematizar nossa sequência didática. De acordo com o quadro abaixo:

Quadro 6 – Roteiro para sequência didática

Roteiro para a sequência didática	
<ul style="list-style-type: none"> • Tema gerador; • Objetivo geral; • Objetivos específicos; • Metodologias a serem aplicadas; • Recursos didáticos a serem utilizados; • Avaliação; • Cronograma de trabalho. 	

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Diante dessas orientações, reunimos e organizamos as sugestões proferidas e escritas pelos educadores, logo depois, construímos o esboço da nossa sequência didática. Embora que naquele momento, a socialização da versão final foi feita oralmente e tendo como base os manuscritos, me comprometi em dar uma devolutiva para a escola, entregando-a digitada, em conformidade com o que exibimos a seguir:

Quadro 7 – Sequência didática.

Sequência didática	
<ul style="list-style-type: none"> • Tema gerador: 	O saber que vem do barro e a sua função social, histórica e econômica na região.
<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo geral: 	Conhecer a cultura local, compreender a importância de reconhecê-la como importante e como isso agrega ao cotidiano das pessoas que vivem na região.
<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos específicos: 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer a realidade social, cultural e econômica a partir das histórias e memórias das loiceiras que vivem na região; ✓ Desenvolver ações na comunidade escolar para envolver todas as pessoas e, dessa forma, abrir novas oportunidades de conhecimentos; ✓ Gerar novas oportunidades para os moradores da região mostrarem seus talentos, como também, reconhecer o valor da cultura local, promovendo possibilidades de uma vida melhor e mais confortável a partir da renda do seu trabalho; ✓ Abrir novas oportunidades de trabalho, considerando os saberes locais.

<ul style="list-style-type: none"> • Metodologias a serem aplicadas; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicação de questionários; ✓ Rodas de conversas; ✓ Palestras; ✓ Apresentação de vídeos; ✓ Pesquisas de campo; ✓ Participação em eventos e socialização das suas experiências.
<ul style="list-style-type: none"> • Recursos didáticos a serem utilizados; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Material concreto a partir da matéria-prima em estudo: o barro; ✓ Equipamentos tecnológicos, tais como: aparelhos celulares, computadores, notebooks, data show, etc.; ✓ Textos impressos e/ou xerocados; ✓ Cartolinas, canetas em geral, outros.
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Continua a partir das observações durante a execução das atividades; ✓ Aulas de campo para reconhecer e conhecer <i>in loco</i> os espaços de vivência das comunidades envolvidas; ✓ Seminários; ✓ Produções textuais; ✓ Relatos; ✓ Trabalhos manuais acerca da matéria-prima em estudo; ✓ Confecção de material, apropriando-se e reconhecendo a importância do que é nosso, do valor que tem para o nosso povo e para nós, assim como, algo que será muito valioso e importante para todos.
<ul style="list-style-type: none"> • Cronograma de trabalho. 	<p>Combinar de acordo com o corpo docente da escola e equipe gestora.</p>

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Procuramos pensar numa proposta que valorizasse aspectos da História e cultura local, que envolvesse a comunidade escolar e que pudesse ser incorporada efetivamente nas salas de aula da Escola Paulo Freire, de tal modo, que servisse como um estímulo para construção de outras sequências didáticas, bem como, para outras escolas seguirem o trabalho considerando a Educação Patrimonial.

Encerramos a oficina com um lanche coletivo, oferecido dentro do espaço culinário da Tapera (Figura 26):

Figura 26: Lanche de encerramento.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Todos as experiências que tivemos durante as oficinas refletiram o interesse dos educadores em querer conhecer as histórias e memórias das loiceiras, foram assíduos e colaborativos. Revelaram o desejo de participar de formações continuadas para agregar novos conhecimentos e inovar em suas práticas docentes. Diante disso, acredito que mostramos um caminho a ser seguido e contamos que sejam os primeiros passos no sentido de conhecer e trabalhar com a história local.

4.3.2 O blog

Cada vez mais percebemos que as tecnologias vem diminuindo distâncias e, nas comunidades pesquisadas, isso não é diferente. Basta observar como as redes

sociais, a exemplo do Instagram vem favorecendo a divulgação e até as vendas dos trabalhos das loiceiras. Com base neste pressuposto, amadurecemos a ideia de construir um blog⁹, pois, além de ser uma ferramenta prática e acessível em qualquer aparelho de busca que esteja conectado a internet, é uma maneira de manter registrado e disponível para pesquisa tudo que construímos ao longo do nosso estudo.

Diante disso, o blog, enquanto nosso produto final, surge com o objetivo de sistematizar as histórias e memórias das loiceiras e favorecer as possíveis utilizações pedagógicas do tema em questão. Dessa forma, após o desenvolvimento e registros das entrevistas e oficinas, iniciamos a construção do blog. O Google¹⁰ disponibiliza aplicativos tanto para pesquisar, quanto para trabalhar, um deles é o Blogger¹¹, que de maneira muito prática e intuitiva, possibilita a criação de um blog. Fazendo uso deste aplicativo, reunimos os materiais construídos mediante a efetivação da pesquisa e partimos para a elaboração do blog que intitulamos: O saber que vem do barro (Figura 27). Desde então, o blog vem sendo alimentado com conteúdo que estamos produzindo, para acessá-lo basta colocar seu título em uma ferramenta de busca ou clicar neste link: (<https://saberdobarro.blogspot.com/>).

⁹ Blog é um site informativo, também chamado de diário online, onde os conteúdos são apresentados em ordem cronológica inversa, ou seja, com destaque para as publicações mais recentes, muitas vezes chamada de blog posts. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/> Acesso: 16 de dezembro de 2023.

¹⁰ O Google, também conhecido como Gigante das Buscas, é uma empresa multinacional que oferece serviços online e softwares para download. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/> Acesso: 16 de dezembro de 2023.

¹¹ O Blogger, é uma plataforma gratuita de blogs do Google, é a ferramenta ideal para quem está iniciando no mundo dos blogs. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/> Acesso: 16 de dezembro de 2023.

Figura 27: Página inicial do blog ‘O saber que vem do barro’.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Refletindo acerca do objetivo do nosso produto final, nos remetemos a fala de Daniel, um dos educadores entrevistados:

“Eu acho até que se a gente tivesse um material de consulta, uma formação, algo que nos dissesse um pouco mais sobre onde a gente está, eu acho que isso ajudaria muito a gente no cotidiano escolar” (Daniel, 2023).

Essa poderação exprime um anseio dos educadores que participaram deste estudo: fontes de pesquisa que retratem a história local. De forma concomitante, a junção de todas as etapas que para eles foram proporcionadas, desde as entrevistas, oficinas de formação, construção da sequência didática, representam um conjunto de saberes que foram compartilhados, indicando como podem começar a repensar suas práticas. Portanto, os conhecimentos que construímos juntos são a expressão da valorização das histórias e memórias das loiceiras, no sentido de conhecê-las e levá-las às salas de aula como fonte didática e somar aos saberes escolares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas a partir deste estudo, indicam a relevância de implementar nas escolas práticas pedagógicas que façam uso de saberes não escolares, sendo as histórias e memórias das loiceiras das Comunidades Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira um exemplo para isso. Acreditamos que práticas pedagógicas que abordam a história local favorecem a formação de cidadãos conscientes e sensíveis que irão contribuir para uma sociedade melhor e mais humanizada.

Conforme as ideias de Freire (1982), se a realidade na qual os educandos estão inseridos não é considerada, as práticas pedagógicas não fazem muito sentido, deixando assim, de serem significativas e atraentes para eles. Por conseguinte, os educandos, não serão protagonistas no contexto escolar, ficando oprimidos por um ensino que contempla os dominantes. Por estes motivos, consideramos relevante que a história local esteja presente nas escolas da região onde realizamos nosso estudo, principalmente contemplando os saberes que vem do barro e fazem parte da cultura local, pois representam referências para os educandos e tem potencial para integrar práticas pedagógicas inovadoras, colocando todos que envolvem a comunidade escolar como agentes do saber.

Neste sentido, vemos no trabalho com o barro uma riqueza de saberes, pelo fato de consistir num trabalho predominantemente manual e focado em conhecimentos que são passados de geração em geração. Sua importância supera a questão da função do uso e valor das peças, pois é envolta de histórias e memórias daqueles que o concebem. Desta maneira, direcionando para o artesanato feito com o barro, compreendemos que as loiceiras são pessoas que fazem história e constroem saberes que podem fazer parte dos currículos das escolas, como um modo de favorecer aos educandos a sensação de pertencimento, valorização e cuidado, mantendo viva a cultura local.

Contudo, mesmo reconhecendo estas contribuições expressivas da história local, sentimos falta delas dentro das escolas. Os motivos que corroboram para esta falta podem ser aspectos que caminham junto a educação há milhares de anos, como questões burocráticas próprias da educação, favorecimento de quem está no poder, entre outros, que ainda se apresentam como entraves para uma efetiva colocação do

trabalho com Educação Patrimonial nas escolas. Embora que documentos oficiais indiquem a importância, bem como contribuições desta temática nas práticas pedagógicas, nossa educação, até o momento, encontra-se distante de atender as orientações que correspondem ao uso da história local. Seja por dificuldades estruturais ou materiais, enfim, falta de investimento e interesse. Com isso, quem perde são nossos educandos, que deixam de viver experiências que poderiam agregar novos conhecimentos e vivências significativas para o resto de suas vidas.

Sabendo que a formação se relaciona com a prática docente, atentamos para os desafios que o professor se depara em seu cotidiano, passeando por pontos que vão desde a aprendizagem, até a credibilidade que é associada a profissão. Por este ângulo, notamos que a aprendizagem precisa ser pensada, pois as escolas estão sendo cada vez mais sobrecarregadas e as cobranças aumentam proporcionalmente. Para Nóvoa (2007) a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos. Sendo assim, este autor explica que seu intento não é centrar a escola em conhecimentos, nem tão pouco nos alunos. Mas sim, centrar na aprendizagem efetiva dos alunos e, para isso, o professor precisa ter conhecimentos e domínio das ferramentas de saberes. Por isso, novamente nos remetemos a importância da formação docente, não apenas a acadêmica, mas também ligada as subjetividades.

Diante da nossa pesquisa, compreendemos que os educadores vivem permanentemente um verdadeiro paradoxo, dar conta das cobranças curriculares e institucionais e, ao mesmo tempo, não ter o reconhecimento devido. A credibilidade associada a profissão é frágil, infelizmente a docência está sendo desacreditada por muitos e isso desanima a categoria a buscar formações continuadas e inovar em suas práticas. Temos que reivindicar nosso lugar, não podemos nos render as críticas e deixar generalizar a profissão em decorrência de alguns, a sociedade deve perceber que somos uma categoria que transforma. Nóvoa (2007, p.18) nos dá uma luz para este caminho, é necessário:

Ganhar essa dimensão do apoio da sociedade ao trabalho da escola. É preciso ganhar a confiança da sociedade para o nosso trabalho, ganhar maior credibilidade pública. É preciso conquistar a sociedade para o nosso trabalho.

É assim que vamos caminhar para uma profunda mudança da categoria, enquanto profissionais agentes de transformação social e, então, vislumbrar um novo olhar da sociedade. Logo, entendemos que são muitos os aspectos que incidem negativamente para efetivação do trabalho com a Educação Patrimonial, embora que não seja impossível, pois nos deparamos com educadores que já estão trabalhando neste sentido.

Consideramos que ao realizar esta pesquisa e proporcionar aos educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire, reflexões sobre as histórias e memórias das loiceiras, tendo como pressupostos as entrevistas, oficinas e construção coletiva de uma sequência didática, abrimos oportunidades para que enxergassem ainda mais o potencial da história local. Por conseguinte, temos em nosso produto final, o blog, uma ferramenta de pesquisa para dar suporte aos seus planejamentos.

Reiteramos que diminuir o distanciamento entre o currículo oficial e o real e trazer os saberes não escolares para as escolas é fundamental, inclusive, para impulsionar melhorias na qualidade da educação. Em vista disso, evidenciamos que é nosso papel, enquanto pesquisadores, olhar para outras formas de vida e tentar trazê-las para discussão, afinal, as loiceiras, por exemplo, também fazem história.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. **Do “barro de loiça” à “loiça de barro”**: caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no Agreste Paraibano. 2004. 197 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- ASA, Brasil. P1MC: **Programa Um Milhão de Cisternas**. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/acoes/p1mc>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.
- ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA - AMAR. **O saber e fazer das loiceiras de Chã da Pia**. 1. ed. João Pessoa, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – Obras escolhidas; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Walter Benjamin: **O anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Tradução João Barrento.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOBBIO, Norberto. **Elogio da serenidade e outros escritores morais**. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. – São Paulo: editora UNESP, 2002.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, 2002a.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos** – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos** – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.
- CARVALHO, Agostinho de. Agricultura Familiar, Nutrição e Segurança Alimentar nos Países em Desenvolvimento. In: LIMA, Sônia Centeno *et al.* (orgs.). **Segurança Alimentar e Nutricional na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Desafios e Perspectivas**. Rio de Janeiro, 2013. p. 33-46.
- CASTRO, Bárbara Emanoela da Rocha; MELO, Kelly Cristina Baeta de. **Benzedores e Sentinelas: Idosos são guardiões de tradições milenares**. UFAL. 2007.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

- DIAS, Denise Gomes. **Os segredos da arte: os carpinteiros navais do baixo sul da Bahia sob um olhar etnolinguístico**. 2004. 184 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. **Michaelis**. Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/cultura/>. Acesso em: 23 de setembro. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e Tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de História. **Cadernos do CEOM**, n. 28, p. 16-32. 2008.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais** . Belo Horizonte: 1989. 271p. 1989.
- GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março 2008: 115-147.
- HORTA, M.L.P. GRUNBERG, e.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.
- IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF: Iphan, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa Bibliográfica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- LEITE, Rogério Proença. **Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir**. In: ARTESOL. Olhares Itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição. São Paulo: Artesanato Solidário, 2005. p. 27-42. Disponível em: <https://artcsol.org.br/files/uploads/downloads/Olhares-Itinerantes.pdf>. Acesso em: 30 de junho. 2022.
- LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda**. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. – 3. ed. rev. ampl. E atual. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: Currículo, Conhecimento e Cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Morpheus - **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 14, 2018. Disponível em: <www4.unirio.br/morpheusonline/>. Acesso em 06 de setembro de 2023.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sindicato dos Professores de São Paulo - SINPRO . São Paulo, SP, 2007.

OLIVEIRA, Albano Marinho de. **A Cerâmica Popular**. Salvador: 1960

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. Campinas: s.n., 1983.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

PAP. **O Programa do Artesanato Paraibano**. Página inicial. Disponível em: <https://pap.pb.gov.br/>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

PLANALTO. **Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8629. Acesso em: 29 de setembro de 2023.

PPP. Projeto Político Pedagógico. **Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidadã Integral Paulo Freire**. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. Araxá/MG, n. 04. 2008.

RODRIGUES, Janete Lins. **Atlas Escolar da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 2002.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. São Paulo: Atlas, 2000.

SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio, Brejos e Carrascais**. João Pessoa: Editora Universitária, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ª ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **International Symposium on crafts and the international market: trade and customs codification**. Manila: Unesco, 1997. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000111488>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (LOICEIRAS)

Nome:

1. Em qual comunidade mora?
2. Há quanto tempo mora na comunidade e qual o motivo lhe fez mudar ou permanecer?
3. Conte como começou o seu trabalho com o barro e com quem aprendeu. É sua principal fonte de renda?
4. Já sentiu em algum momento que passou por preconceito por morar na comunidade e trabalhar com o barro?
5. Qual a sua principal dificuldade diante do trabalho com o barro?
6. Você acredita que seu trabalho com o barro é importante para comunidade? Explique.
7. Quais os principais momentos em que as pessoas da comunidade se reúnem para comemorar algo ou compartilhar conhecimentos locais?
8. Comente sobre a cultura e costumes locais. Você acredita que é importante levar estes conhecimentos para as escolas da região? Explique.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (EDUCADORES)

Nome:

Formação e instituição onde se formou:

Onde mora?

1. Como e quando começou a trabalhar nesta escola?
2. Conhece as histórias das loiceiras das comunidades circunvizinhas? Conte um pouco.
3. O que você entende por Educação Patrimonial?
4. Considera importante conhecer e trabalhar a partir da realidade dos educandos? Explique.
5. Alguma vez trabalhou história local nas atividades pedagógicas? Explique.
6. Você gostaria de se aproximar do Patrimônio cultural local? Como?
7. Quais estratégias considera viáveis para trabalhar Educação Patrimonial e História local nas escolas da região?

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SABER QUE VEM DO BARRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS LOICEIRAS DA TAPERA - CHÃ DA PIA E ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA- PB

Pesquisador: GIZELDA DA COSTA SOUTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65968322.2.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.825.721

Apresentação do Projeto:

O presente Projeto é de natureza qualitativa, do tipo pesquisa-ação. Conforme Severino (2007), enfatiza, a pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la, partindo desta afirmativa, pretendemos efetivar nossa proposta. O presente projeto trata de questões voltadas as temáticas Educação Patrimonial e História local e ressaltamos o patrimônio cultural presente nas comunidades da Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira, localizadas em Remígio – PB, enfatizando as loiceiras da Tapera com suas experiências e vivências, bem como, considerando seus costumes, suas técnicas de manuseio do barro e tudo o que lhes foi transmitido por gerações

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL : Compartilhar experiências sobre o patrimônio cultural das loiceiras do Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, nas escolas da região, buscando valorizar e preservar sua história e memória. **OBJETIVOS ESPECIFICOS :** Conhecer histórias e memórias das loiceiras do Assentamento Oziel Pereira e Chã da Pia - PB, visando suas contribuições para a construção de novos saberes docentes que possam fortalecer a herança cultural local; Promover práticas de identificação, reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural das loiceiras, fazendo manuseio do barro junto a educadores de escolas da região, a partir de oficinas

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP: 58.109-753

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@setor.uepb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP**



Continuação do Parecer: 5.825.721

pedagógicas realizadas na Tapera Artesanato da Chã da Pia – PB. Elaborar uma sequência didática multidisciplinar (subproduto) a partir das oficinas realizadas, abordando a cultura local, que possa ser incorporada e efetivada nas escolas da região; Construir um blog a partir dos registros realizados ao longo do projeto (produto final).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS : No entanto, cabe ressaltar, que a possibilidade de riscos é mínima. Temos esta visão, compreendendo que durante a coleta e análise de dados e em posterior divulgação de seus resultados, seguiremos todas as recomendações éticas que estão dispostas na resolução CNS 466/12. **BENEFÍCIOS :** Os benefícios a serem oferecidos com a realização desta pesquisa, se fundamentam no anseio de contribuir com as discussões acerca da Educação Patrimonial. Neste sentido, temos o intuito de fortalecer os debates sobre o referido tema, buscando assim, colaborar para a produção de conhecimentos nesta área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem caráter relevante pois, além de contribuir para a preservação do patrimônio cultural esta relacionado a economia da comunidade

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os TERMOS estão de acordo com a exigências da CONEP

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A partir do exposto acima o Parecer para o desenvolvimento desta pesquisa é de APROVAÇÃO

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2052133.pdf	06/12/2022 14:47:17		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto3.pdf	06/12/2022 14:45:47	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVA.pdf	06/12/2022 14:44:36	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Outros	TAI4.pdf	06/12/2022 14:06:03	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Outros	TAI3.pdf	06/12/2022	GIZELDA DA COSTA	Aceito

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP**



Continuação do Parecer: 5.825.721

Outros	TAI3.pdf	14:05:49	SOUTO	Aceito
Outros	TAI2.pdf	06/12/2022 14:05:38	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Outros	TAI1.pdf	06/12/2022 14:05:24	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Outros	termo.pdf	06/12/2022 14:03:45	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Declaração de concordância	declaracaodeconcordancia.pdf	21/11/2022 14:06:43	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodecompromisso.pdf	21/11/2022 14:05:02	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/11/2022 14:03:56	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO2.pdf	21/11/2022 14:02:18	GIZELDA DA COSTA SOUTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 19 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Gabriela Maria Cavalcanti Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br